

# Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

NÃO dispomos de elementos bastantes para nos pronunciarmos no caso do sr. Eduardo Plácido: não somos por ele nem contra ele. É natural que haja duas verdades: a dos que o atacam e a dos que o defendem.

Concordará a justiça com qualquer delas ou estabelecerá uma terceira?

Acreditamos na justiça — serena, recta e igualitaria. Perante o crime, não se podem distinguir os grandes dos pequenos, os que se escapam pela malha e os que nela se deixam prender. A lei não é capa de criminosos. Confiamos absolutamente nos nossos tribunais em cujas três instancias ha magistrados honradissimos que sabem cumprir o seu dever. Delinuiu o sr. Eduardo Plácido? Castigue-se severamente.

Achamos, porém, que é necessario evitar o que um jurisconsulto notavel chamava a "jurisdição das paixões". Todo o homem tem direito a defender-se, seja qual seja a acusação que sobre ele impenda. Nós não temos no assunto outro interesse que não seja o de pôr acima de qualquer apreciação particular a futura decisão, impávida e competente, do poder judicial.

Na sexta-feira passada, dissemos num "eco" que se deixasse á policia a liberdade das suas investigações. Agora que o sr. Eduardo Plácido transita para a Boa Hora, fazemos a mesma reclamação. Ignoravamos até ha pouco que existia uma campanha na imprensa contra o antigo director de "A Mundial".

Isso, porém, não constitui motivo bastante para que nos remetamos a um comodo silencio.

Não costumamos implorar benevolencia nem favores para quem mereça ser castigado. Conhecemos, um pouco, o mundo e as suas manhas para protegermos os insociaveis.

\* \* \*

COMEMORANDO o quarto aniversario da morte de Magalhães Lima, realiza-se, no proximo dia 8, pelas doze horas, a trasladação dos seus restos mortais do jazigo de familia, onde se encontram, para o mausoleu executado pelos escultores Costa Mota, tio e sobrinho.

Cumpre-se assim uma das disposições testamentarias do grande republicano, cuja familia escrupulosamente tem tornado effectivas todas as suas determinações.

A comissão administrativa da Camara Municipal cedeu o terreno para a construção do mausoleu e mandou fazer as respectivas fundições, devendo o sr. general Vicente de Freitas presidir á cerimonia da trasladação.

\* \* \*

ENTRE as pessoas a quem a cidade de Coimbra mais deve, conta-se o sr. dr. Manuel Braga, administrador delegado da Comissão de Turismo, que tem trabalhado incansavelmente para o desenvolvimento da sua terra.

O governo tinha um belo ensejo de premiar os seus serviços, distinguindo-o com uma condecoração, pois ninguém a merece mais do que o illustre coimbrão.

## ONTEM

As preocupações, miseria e angustias do presente, se inclinam o nosso espirito a recorrer ás problemáticas e indecisas consolações do futuro, também o incitam á contemplação e estudo do passado.

Acontecimentos que para sempre se extinguíram, cousas que definitivamente acabaram—embora terríveis e dolorosas—a quem afligem e inquietam? A meia duzia de poetas liricos.

O que pesa e entristece são as contrariedades e maguas cotidianas. E a recordação do passado alheio ajuda a esquecer-las, consegue amortecer o eco dos factos recentes que porventura nos desgostem, nos cansem ou nos irritem.

Dai, talvez o exito dos livros de *memorias*, hoje maior do que nunca e explicavel, como nunca, pelas agruras do momento em que vivemos e pelo negrume dos horizontes que rodeiam o nosso velho mundo de realidades e de aspirações. Procura-se neles uma lição que nos guie e, ainda, o refugio emocional que nos oferece o pitoresco, a beleza ou a grandeza, o encanto ou a saborosa extemporaneidade dos sucessos que nos são contados e revelados, das pessoas que são lembradas e evocadas. Tão grande é o interesse e a curiosidade por todas as ressurreições da historia dos homens e dos casos de outrora, que nem sequer exigimos que se apresentem revestidas de elegancia literaria e até da necessaria clareza de estilo. Basta que uma nesga de verdade se erga das suas paginas, para sofregamente as lermos e comentarmos. Acima de tudo, afinal, queremos que nos mostrem e divulguem o que foi, no desejo de melhor compreendermos o que *pode ou poderá ser*. Circunstancias e ambientes não se repetem. Mas repetem-se os sonhos e anseios, mas não mudam as almas tanto quanto se imagina. E em ninguem falta, em ninguem jamais se apagou, a limpida consciencia ou o instinto profundo dessa imperativa lei de constancia moral...

Resplandecentes da verdade, e não apenas deixando entrever dubios clarões do puro e deslumbrante fulgor, redigidas numa prosa singela e, no entanto, singularmente sugestiva—as *Memorias do Conde de Lavradio*, começadas a publicar ha pouco, trazem-nos ensinamentos de alta valia e de perene oportunidade, já na despretençiosa narrativa da difficil acção desenvolvida pelo autor como ministro dos Negocios Estrangeiros e, mais tarde, de representante em Paris da regencia liberal dos Açores, já na exposição serena e lucida da situação portuguesa, dentro e fora do país, durante a época atormentada do reinado de D. Miguel.

Nenhuma ambição egoista movia o fidalgo illustre, cujos serviços á sua causa e á sua Patria nunca foram contestados. Inteligencia superior, sensibilidade equilibrada, energia rara, não o impulsionavam odios nem despeitos. Teria sido respeitado e estimado pelos proprios inimigos irreductiveis se, menos conhecedor das necessidades e da psicologia da nossa gente, e menos austero de caracter, não combatesse e repelisse nobremente as doutrinas e atitudes do absolutismo. Na leitura do primeiro livro das *Memorias* o que se verifica, porém, é que, dirigente e governante do Portugal de 1826 a 1827, o contacto intimo com a vida da colectividade só confirmou e assegurou o seu amor ás instituições democraticas, que ele considerava essenciaes ás existencia e progresso da nação. Assim o declara, assim o mostrou bem em toda a sua carreira, com uma hombridade e um desapego de honrarias e proveitos, que impressiona.

Testemunho insuspeito, este, dada a moderação que era timbre de Lavradio, e a lucidez perfeita da sua visão de estadista.

Sabemos hoje que Lavradio não se enganava e que interpretava fielmente a vontade do povo. Mas na vertigem de ideias e ideais em que nos perfemos e debatemos agora, não se dirá que não seja digna de atenção e registo essa palavra de ontem, tão pleno de significado actual e tão vibrante de certeza eterna.

JOÃO DE BARROS



O sr. dr. Pedro de Toledo, sentado, ao centro, entre os deportados brasileiros que o foram hoje esperar a bordo.

(Ler noticia na 4.ª pagina)

OS alemães queriam fazer, em 1889, uma demonstração naval no Tejo. Revelam-no documentos diplomaticos aparecidos ultimamente.

Tratava-se de, ostensivamente, dar a perceber que se havia chegado a acordo com os ingleses para a partilha das nossas colonias. Estes ultimos, porem, é que não aceitaram como boa a sugestão que lhes era feita.

A demonstração plançada não se fez. Mas o que se vai fazendo, para publico, é a historia de muitos dos acontecimentos que até ha pouco andava perdida pelos arquivos diplomaticos ou dispersa pelos apontamentos das pessoas que nelles tiveram intervenção directa.

No "Diário de Lisboa", quantas e quantas vezes não defendemos a vitima contra o agressor, o fraco contra o forte, sem atender a classes nem a fortunas! Não querendo imiscuir-nos na casa dos outros—o que não está nos nossos habitos—lembramos, no entanto, que o sr. Eduardo Plácido não é uma sociedade inteira, mas somente o homem que, como director duma companhia, é acusado de actos que, na hipotese de serem verdadeiros, o desqualificam e invalidam.

Será assim? Ver-se-á a pouco e pouco.

Nunca entrámos, nem por pensamento, nos seus negocios—o que nos coloca muito á vontade para não o carregarmos com as nossas objurgatorias nem o imunizarmos com as nossas apologias.

\* \* \*

A GUERRA química, a guerra bacteriologica, dizem-no os peritos, não se pode evitar. A parte da humanidade dominada por sentimentos generosos escusa de alimentar ilusões a tal respeito. Nos laboratorios continuarão a inventar-se venenos que, amanhã, podem ser empregados para destruir a mocidade que arde no sonho generoso de redimir patrias ou conquistar imperios.

O remedio para a hecatombe que alguns preparam parece estar, mais do que nunca, na elaboração dum plano eficaz de sanções em que possam colaborar todos os que sinceramente desejam a paz.

\* \* \*

REALIZA-SE no proximo dia 1 de janeiro, em Cantanhede, uma manifestação de homenagem ao antigo ministro do Interior, sr. dr. Mario Pais de Sousa.

Haverá sessão solene na Camara Municipal, sendo entregue ao homenageado um diploma em que é proclamado socio benemerito do concelho, e será dado o seu nome a uma das ruas da vila, inaugurando-se a respectiva lapide. A' noite, realizar-se-á um banquete de homenagem.

\* \* \*

NO palacio da Mitra vão começar as obras de adaptação a carceres de mulheres. Uma vez estas concluidas, transitarão para lá as presas condenadas na Boa Hora e parte das que actualmente se encontram detidas nas Monicas.



PARA AS CRIANÇAS

## PAGINA INFANTIL

## A lenda da Atlântida

História maravilhosa

(Continuação)

Ora os leitores lembram-se certamente, que o Faraó de Atlântida tinha o sanguinário costume de ordenar sacrifícios humanos, cruéis e monstruosos. Foi num desses dias para tal destinado, que o príncipe Nazzí, ao levantar-se do leito, notou nas ruas uma animação desusada, assim como um maravilhoso luxo no trajar dos habitantes, os quais, em extensas filas, se dirigiam ao templo de Taiha. Desconhecendo dos ritos daquele país, soube pelo guia que contratara que tão grande afluência de gente tinha por causa a apresentação ao povo da donzela destinada ao sacrifício em honra da Deusa Taiha, cuja solenidade se realizava todos os anos e que, naquele, teria lugar dentro de oito dias.

Curioso de conhecer, também, a jovem que assim se deixava imolar à fúria fanática do povo, decidiu-se a seguir a multidão. Porém, o guia, ao ouvir falar de tal assunto, marejaram-se-lhe os olhos de lágrimas e, durante todo o caminho, uma inexplicável emoção se apoderou dele.

Haviam chegado em frente do templo. No cimo da longa escadaria que lhe dava ingresso, rodeado por guardas e sacerdotes, deparou-se-lhes um catafalco forrado a veludo negro, bordado a ouro e diamantes onde, exposta aos olhares do povo, estava a donzela de uma beleza extrema, sobre quem, nesse ano, caíra a escolha do Faraó.

Os seus olhos, macerados pelas lágrimas e belos como o sol, pareciam implorar clemência; e quando, por momentos, se fitaram em Nazzí, este sentiu uma emoção tão forte que quasi o levou a tentar raptá-la naquele mesmo instante.

Puxando pelo braço do guia, perguntou:

— E' esta a rapariga que querem matar em holocausto a estúpidas crenças?

— E', sim, meu senhor, — respondeu o guia, com voz entrecortada pela emoção.

— Pois juro-te que o não conseguirão enquanto eu fôr vivo!

— Oíça, meu senhor. Talvez lhe possa ser útil no que intenta fazer... — e olhando, receoso — mas o melhor é retirarmo-nos, porque nos podem espiar; em minha casa estaremos á vontade...

Como o príncipe mostrasse desconfiança em tanta solicitude da parte de um natural do país, justamente quando se revoltara contra as suas crenças, este, notando-o, tranquilisou-o, dizendo:

— Pode confiar em mim, porque não sou desta terra...

Mais tranquilo, Nazzí, depois de alguns minutos de marcha, transpôs a distancia que o separava da vivenda do guia e, entrando, dispôs-se a ouvir os motivos por que o trouxera até ali.

— Chamo-me Jacob — começou o guia — e ha oito anos vim para este país na mira de melhor sorte, trazendo comigo minha filha Natalia. O tempo foi decorrendo, e Natalia, já uma linda mulherzinha, teve um dia a infelicidade de ver a sua beleza notada pelo Faraó.

Dias depois, os sacerdotes do templo exigiram-me a sua entrega; e como, nesta maldita terra, sobre a familia da donzela escolhida para o sacrificio cai uma grande honra, que estupidamente todos desejam, tive de conformar-me, fingindo-me muito agradecido, quando, no fundo, a minha vontade era matar quem ordenava tamanha atrocidade. Calcule a minha dor! Dia e noite tenho pensado na maneira de salva-la, sem contudo ter ao menos esperança de o conseguir! Eis o motivo por que, ao ouvi-lo, ha pouco, saltar aquelas palavras, julguei encontrar quem me auxiliasse.

O príncipe ouvira-o, comovido, e estendendo-lhe os braços respondeu:

— Conte comigo; nunca esses malditos conseguirão os seus torpes des-

gnos porque, com o talisman que pos-

suo; vencê-los-ei.

— Talisman! Tem um talisman! — exclamou Jacob.

— Sim. Este anel que vêdes, ofertado pelo mago Trovão do meu reino, tem o condão de me salvar, mas só uma vez, de qualquer perigo em que me encon-

tre. Ainda o não utilizei, e, por isso, se necessário fôr, empregarei o seu poder para salvar tua pobre filha.

— Obrigado, meu senhor! Sois bom e generoso — soluçou o guia, beijando-lhe as mãos.

(Continua).

HENRIQUE SAMORANO

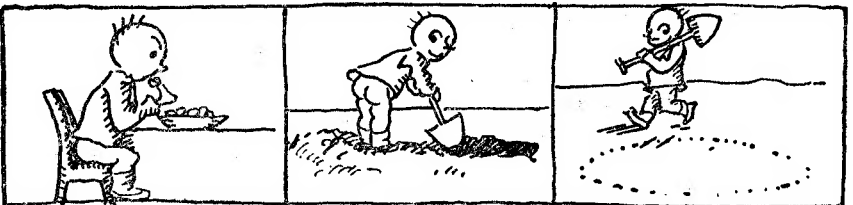
## AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANECAS



I—Manecas aproveita a sua estada na praia do Estoril, para ir á pesca...

II—... mas, como se afasta demasiado, aparece-lhe um maltrapilho que rouba o seu rico bibe de bólinhas encarnadas.

III—E' com verdadeira tristeza que Manecas vê o Banaboia desaparecer.



IV—Ao almoço pensa na maneira de reaver o bibe...

V—... faz uma cova fundíssima...

VI—... tapa-a com caniços e folhas e uma camada de areia, correndo em busca do gatuno.



VII—Manecas diz ao larapio que ali perto ha uma mina de ouro e prata.

VIII—O gatuno cai na esparrêla — e na cova.

IX—Depois de convenientemente algemado, o gatuno é preso e Manecas recupera o bibe.

gnos porque, com o talisman que pos-

suo; vencê-los-ei.

— Talisman! Tem um talisman! — exclamou Jacob.

— Sim. Este anel que vêdes, ofertado pelo mago Trovão do meu reino, tem o condão de me salvar, mas só uma vez, de qualquer perigo em que me encon-

tre. Ainda o não utilizei, e, por isso, se necessário fôr, empregarei o seu poder para salvar tua pobre filha.

— Obrigado, meu senhor! Sois bom e generoso — soluçou o guia, beijando-lhe as mãos.

(Continua).

HENRIQUE SAMORANO

**CASA JAYME PINTO**

**CHAPEOS MODELOS — ALTA NOVIDADE**

R. DO OURO, 259

## Brindes do Natal

OS MAIS APRECIADOS SÃO OS PRESENTES ÚTEIS

Um serviço ou meio serviço de jantar ou de chá, um candeeiro para electricidade em louça, uma jarra, etc.

PADRÕES SEMPRE VARIADOS E MODERNOS

Visitem os estabelecimentos da

**FABRICA DE LOIÇA DE SACAVEM**

A maior e mais importante no genero, na península

Sede: LISBOA-Rua da Prata, 126-132-PORTO-Rua das Carmelitas, 40

**Sorles grandes ?**

à casa COSTA, LDA. as vende

60 Rua da Prata-62

Almoços e jantares á carta. Pre-

ços de concorrência. Serviço

primoroso. "Chic". — Restaurado-

res 20.

## O aparo educador

A mãe do Zéca arrumara nesse dia a mesa de estudo do filho.

Era um verdadeiro trabalho pôr em ordem a barafunda em que aquele diabrete deixava sempre os livros e cadernos!

Em se tratando de coisas de estudo, não havia meio de o interessar e tomar amor por elas!

Assim ia pensando a boa senhora, enquanto metia na caneta um aparo novinho em folha, que mostrou ao filho, recomendando-lhe, severa:

«Este aparo só serve para escreveres os teus exercícos, e não para o empregares a cabular, como é teu costume!—Anda, vem estudar a lição, que já são horas!».

Arrastando os pés, de má vontade, o Zéca sentou-se defronte do caderno onde devia escrever os significados da tradução de francêes.

Abriu a boca, muito aborrecido da sua vida, virou e tornou a virar as folhas do caderno, e, por fim, resolveu-se a pegar na caneta.

Então, numa subita inspiração, respirou satisfeito, olhando o aparo novo!

«Vou estreá-lo, sim senhor, mas não na massadaria dos estudos!».

Num papel de cartas, todo applicado para que a letra lhe saísse intelligivel, o Zéca escreveu estas palavras:

«Antoninho—Espera-me amanhã no jardim, que eu falto á aula e vou brincar contigo...»

Aqui o aparo fez um tal borrão que o Zéca, enfadado, inutilizou a carta, amarrando-o, e tratou de escrever outra.

Ao chegar ás palavras «falto á aula» não houve maneira de andar para diante.

O aparo, paralizado, não traçava mais letra alguma!

«Deu-lhe o trançolomango, não ha que vêr!» resmungava o rapaz, muito intrigado.

Para o experimentar mais uma vez, escreveu no caderno dos exercícos um significado e logo a letra lhe saiu nítida e a pena lhe correu facil.

«Parece que só neste papel é que pega!» comentava de si para si o Zéca.

Na borda do mesmo caderno, pôs-se a desenhá-lo um boneco.

O danado do aparo espirrou tinta por todos os lados, fazendo tal sujidade, que o pequeno, afilto, não sabia como remediar tanto estrago!

Depois, aos seus ouvidos chegou uma vozinha, um tanto aspera, que assim dizia:

«Quando fores mandrião faço um borrão. Quando tiveres juízo, escrevo com sizo.

Se só fizeres desvarios, encho o meu bico de fios

E depois, ó meu amigo, a mestra dá-te castigo!»

Espantadíssimo, o pequeno olhava os bicos da pena que pareciam abrir-se para proferir aquelas estranhas palavras.

«Bem dizia a mãzinha, o aparo não serve senão para estudar».

Chelo de temor, tratou de traduzir o exercíco para a lição do dia seguinte.

Com que gosto o aparo corria pelo papel, ajudando por vezes as indecisões do Zéca!

Em menos de meia hora já o pequeno aprontara toda a lição!

Ao acabá-la ficou até bem admirado por vêr que ainda tinha tempo para ir brincar com o Antoninho no jardim.

Deu um salto e, apressado, preparava-se para correr por ali fóra, quando tornou a ouvir a estranha vozinha:

«Volta atrás meu rapaz!

Vem arrumar no seu lugar a papelada desarrumada.

Sê cuidadoso, meticoloso chelo de zelo sem desmazêo»

Então o Zéca tratou de arrumar os cadernos e livros. Depois, com o maior respeito, limpou o famoso aparo e meteu-o numa caixinha.

A mãe, que entrava nesse momento, ficou admiradíssima ao vêr o filho tão ocupado com aqueles arranjos.

O seu assombro redobrou quando, daí por diante, nunca mais teve que arrumar coisa alguma pertencente ao Zéca.

Tanto a mesa de estudo como os fatos e os «bibelots» do quarto faziam gosto, pelo seu asseio e arrumação!

E a boa senhora, intrigada com aquela transformação, nunca percebeu porque era aquele amor do pequeno por um certo aparo, já velhinho e ferrugento, que ele guardava com toda a estimação.

Era com o aparo que ele comunicava, perguntando-lhe a milude:

«Que tal, meu amigo, dou boa conta do recado?»

Estou ou não estou um menino modelo?»

Dentro da sua caixinha, o aparo parecia querer erguer-se para fazer um sinal afirmativo e, aos ouvidos do Zéca, soava a vozinha aspera, que dizia:

«Estou bem contente Bem satisfeito.

Por teres ficado Sem ter defeito.

Tua conduta Muito me aprás.

Eu fiz de ti Um bom rapaz!».

VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

**RUGRA**

são as melhores  
**Navalhas de barba**  
Tesouras de costura  
barbeiro, manicure, etc.  
Laminas para barbear

**CASOS DO DIA****O caso Correia Leite  
no Tribunal da Boa Hora**

No 7.º juízo do tribunal da Boa Hora, e em audiência presidida pelo sr. dr. José da Cunha Mota, realizou-se hoje o julgamento á revelia dos srs. Juca dos Santos, Alvaro e Henrique Correia Leite e Hipólito dos Santos, acusados de quebra fraudulenta e burla, na importância de 4 mil contos, na antiga casa bancária Correia Leite, Limitada.

Pelo delegado do ministério publico, sr. dr. Paulo Gomes de Oliveira e pelos advogados de defesa drs. Bustorff Silva, Ricardo Mota, Osório de Castro e Conceição Silva, foram inquiridas 12 testemunhas, das 80 que figuram no processo.

Era também acusado o sr. Abílio Correia Leite, já falecido.

O julgamento continua.

**Cartomante infeliz**

Ontem, cerca da 1 hora, quando um sub-chefe da Polícia de Segurança Publica passava, acompanhado por dois guardas, em frente do lugar de hortaliça do largo do Contador-Mór, 21, descobriu que uma mulher, de nome Mariana Rodrigues Pimenta, estava ali deitando as cartas para a proprietária do estabelecimento, Rosalina Augusta.

A Mariana foi presa e conduzida para o Tórel.

**Proezas de gatunos**

Horacio Pacheco Pereira e Joaquim Leite foram presos por ter praticado um furto de peles e calçado no estabelecimento da firma Lopes & Lopes, na rua Silva Albuquerque, 12. Aos presos foi apreendido parte do furto.

Foi também preso Antonio Alcobia, Arco do Cego, 19, por suspeita de ter furtado do quarto do sr. João Ferreira, diversos objectos de ouro.

**Noticias da folha oficial**

Por virtude da parada escolar realizada no dia 1, foram oficialmente louvados o corpo de policia de segurança e o seu official sr. capitão Maia Loureiro, os inspectores e pessoal da inspecção escolar de Lisboa, e os directores, professores e demais pessoal em serviço nas escolas.

Foi nomeado governador civil substituto de Coimbra o sr. tenente Sergio Vieira, que ha tempo exerce, naquela cidade, as funções de comandante da policia.

O sr. engenheiro João Carlos Alves foi nomeado vogal do Conselho Nacional do Ar, como representante do ministério das Obras Publicas.

O governo nomeou uma comissão para estudar a regulamentação da lota de peixe vindo ao porto de Lisboa.

**AFRICA DE SONHO**

por **Mauricio de Oliveira**

**Sensacionais revelações políticas sobre o general Norton de Matos e a sua apreciação pelo dr. Armando Monteiro. — O primeiro livro que aparece depois da viagem ministerial ás colonias — A vida dos negros e a paisagem africana.**

A venda em todas as librerias e no "DIARIO DE LISBOA"

O DIARIO DE LISBOA vende-se na Figueira da Foz — Tabacaria Malafala — Bairro Novo.

**A Cidade****MAIS DEPORTADOS BRASILEIROS****Chegou hoje o dr. Pedro de Toledo  
que foi chefe do governo  
revolucionario de S. Paulo**

Cada vez que ao cais da Praa Mahuá, do Rio de Janeiro, atraca um barco português, os nossos compatriotas que ali vivem não faltam, para saber noticias da sua terra, para saber quem chega, para matar saudades.



O chefe do governo revolucionario de S. Paulo, á sua chegada a Lisboa

Cada vez que chega, agora, um barco do Brasil, acorrem ao cais algumas dezenas de brasileiros que as contingencias politicas atiraram para o desterro—se assim se pode chamar o exilio na terra portuguesa.

O «Andalucia Star» chegou esta manhã, vindo dos portos da America do Sul. E chegou com pressa, porque, tendo acostado ás 7 e meia, ás 10 e meia já ia em direcção á barra.

A bordo do barco inglês, que era aguardado por todos os brasileiros deportados e por outros membros da colonia, vieram, além de diversas pessoas das familias dos emigrados, os srs. dr. Pedro Toledo e Moacyr Barbosa, secretario do general Bertholdo Klinger, que chefiou militarmente a revolta de S. Paulo.

Quem é o sr. dr. Pedro Toledo, já os leitores devem saber, através dos telegramas dos jornais, durante a revolta brasileira. Antigo ministro da Agricultura, embaixador do Brasil na Italia durante a guerra, e depois em Espanha e na Argentina, as suas grandes qualidades de diplomata deram-lhe um grande e justificado prestigio. Na hora delicada que precedeu a revolta de S. Paulo, o governo, vendo a gravidade da situação, nomeou-o interventor no Estado paulista. E, quan-

**Na embaixada de Espanha**

O sr. embaixador de Espanha ofereceu hoje um almôço intimo ao nosso querido colega Mauricio de Oliveira, em agradecimento pela oferta que lhe fez do seu livro «Africa de sonho». Em torno da mesa do sr. D. Juan José Rocha sentaram-se, além dos funcionarios da embaixada, a sra. D. Irene de Vasconcelos, o sr. Pedro Bordallo, pelo Conselho de Administração da «Renascença Grafica», Rogerio Perez e Felix Correia, correspondentes dos jornais madrilenos «El Sol», «La Voz» e «A B. C.».

**Alunos excluidos dos liceus**

A comissão dos pais e encarregados da educação dos alunos excluidos da matricula nos liceus de Lisboa reúne-se no proximo dia 7 do corrente, pelas 21 horas, no largo do Intendente, 45, 1.º, a fim de tratar de assuntos que a todos interessam.

do a revolução estalou, o dr. Pedro de Toledo foi aclamado governador pelo povo de S. Paulo, tendo chefiado o governo revolucionario, por expressa vontade de todas as figuras do movimento.

Apresentámos ao illustre brasileiro as nossas saudações e pedimos-lhe algumas palavras:

—Sobre politica do meu país, não me pergunte coisa alguma, porque não desejo fazer qualquer declaração...

Comprendemos a delicadeza de sentimentos de quem, em terra estranha não quer discutir a politica da sua patria, e procurámos encaminhar a conversa para outros assuntos, já que o sr. dr. Pedro de Toledo, um verdadeiro «gentleman», não querendo faltar ao seu proposito de nada dizer sobre politica, nos manifestava a sua pena de não satisfazer os desejos do «Diário de Lisboa»:

—E' a primeira vez que vem a Portugal?

—Não. Já aqui tenho estado diversas vezes e passagem. E uma dessas vezes estive cá uma semana, tendo admirado com vagar as belezas de Lisboa e dos seus arredores.

—Os seus ascendentes são portugueses?

—São. Principalmente da parte materna. Por isso, a minha estada em Portugal não me parecerá uma deportação, embora, como é natural, me custe estar forçadamente longe do Brasil.

—Esteve muito tempo preso?

—Desde a primeira hora em que a revolta se malogrou até ao momento do embarque.

—Veio só, ou com a sua familia?

—Vim só. As minhas duas filhas ficaram no Brasil.

—E o que tenciona fazer agora? Ficar em Portugal?

—Sim. Como fui deportado por tempo indeterminado, estabelecerei residência em Portugal, embora faça, talvez, uma pequena viagem a outros países europeus.

—Serão deportados mais brasileiros?

—Não sei.

Informámo-lo da nov. leva que vem a bordo do «Raul Soares» e da proxima expulsão do dr. Artur Bernardes. E o dr. Pedro de Toledo teve apenas um amargo sorriso, como que a dizer que, por esse caminho, «deportam todos os brasileiros».

Não querendo tomar mais tempo, quizemos obter uma impressão do actual momento brasileiro e das perspectivas do futuro do Brasil. Mas o nosso illustre entrevistado respondeu-nos, mais uma vez com o «non possumus!» fatal—para o jornalista...

**O «Natal do Combatente»**

A comissão organizadora do «Natal do Combatente», que é presidida pelo sr. tenente coronel Mota Marques, está já tratando da recolha de donativos destinados aos combatentes em situação angustiosa como sejam os que se encontram hospitalizados, nas prisões, etc., e ainda ás viúvas e orfãos mais necessitados. A exemplo dos anos transactos espera a comissão o mesmo acolhimento por parte das entidades que tão generosamente têm correspondido áquella benemerita iniciativa, dado o fim humano a que os donativos se destinam.

**Consul da Noruega**

Foi nomeado consul da Noruega em Lisboa o sr. T. A. Todsén, rua do Alecrim, 12.

**PASTELARIA FINA**

Excelente sortido de pastelaria, docaria e confeitaria superfinas; esmeradíssimo fabrico  
**Abre to até ás 2 horas da manhã**  
**CONFEITARIA AUREA**  
260, 264, Rua Aurea—Telef. 2 8914

**POEIRA DA CIDADE****Miniaturas**

Fui, ha dias, visitar a Exposição do Parque Eduardo VII.

Estava uma tarde desabrida, de vento nordeste, e resolvi entrar primeiro no Palacio, apesar do excesso da concorrência dificultar a atenção e a comodidade. Fui percorrendo as galerias, empurrada por uma multidão, que ria e conversava deitando para o chão, amarratados e rasgados, os catalogos de réclame, que distribuíam nas varias secções. Quando é que a nossa gente se habituára a não dar aos sitios que frequenta um aspecto de barril do lixo?

Finalmente, consegui parar e remorar-me algum tempo numa sala, em que estão expostos moveis, livros, o mapa de Portugal em relevo, e numa vitrine as miniaturas de Elias Sobrinho, delicadas figurinhas em barro das Caldas.

Quedei-me absorta, recordando o mestre—o grande mestre Rafael Bordallo—que durante tantos anos, nas Caldas, animou com a chama do seu talento inúmeras obras primorosas. Não conheço Elias Sobrinho; conheci Elias Tio, trabalhando na Fábrica das Caldas como verdadeiro artista.

Quantas vezes eu ficava entretida a ver trabalhar Rafael Bordallo, Manuel Gustavo, Elias, José Carlos... Ainda tão perto e já tão longe tudo isso!

Elias Sobrinho é, sem duvida, também, um artista de miniaturas. As suas figurinhas têm graça, expressão e uma delicadeza minuciosa que revela a mão leve e habil.

Encantaram-me as pequeninas figuras historicas e religiosas, as copias dos quadros admiravelmente realizadas, como a «Passagem do comboio» e a «Volta da romaria», de Malhóia, a «Visão de Santo Antonio», de Murillo, e a copia á uma fotografia de Frederico Bonacho «O Campino».

As feições daqueles vultosinhos têm recorte e vida, ha movimento nas suas atitudes, sentindo-se que as trabalhou não só a destreza mas a inspiração do artista.

Terminou ali a minha visita, guardando para outros dias menos concorridos o resto de Exposição.

MARIA DE CARVALHO.

Lanches para casamentos  
**PATISSERIE VERSAILLES**

**Publicações****«Industria Portuguesa»**

O n.º 57 da revista «Industria Portuguesa», órgão da A. I. P., correspondente ao mês de novembro, foi agora posto á venda, com uma desenvolvida reportagem illustrada da Grande Exposição Industrial Portuguesa. Apesar de se tratar dum numero extraordinario, com mais de 100 paginas, o seu custo continua sendo de 5 escudos.

**«Revista Portuguesa de Seguros»**

Dirigida pelo sr. dr. José de Albuquerque Rodrigues e editada pelo sr. Adelino dos Santos, iniciou a sua publicação a «Revista Portuguesa de Seguros», que está certamente destinada a um grande exito no meio a que é destinada.

**A cançonetista Lolita Vargas  
no Julio das Farturas**

Nesta casa de diversões do Parque Mayer, está fazendo um exito sem precedentes a encantadora coupletista Lolita Vargas, primeiro premio de beleza escultural em Madrid. Hoje exhibe-se também um maravilhoso super-filme. Apesar de tantos atractivos, a entrada é gratis. Durante toda a noite, prossegue o sorteio de valiosas surpresas.

Aimóços e jantares á carta. Preços de concorrência. Serviço primoroso. «Chic». — Restauradores 20.

**ROYAL CINE** Telef. N. 6791  
A's 21,30  
**A Favorita do Imperador**  
Quinta-feira, 8 — Estreia da grandiosa  
super-produção  
**O Campeão**

# A Cidade

**T. S. F.**  
Alto falantes electro magnéticos e electro  
dinâmicos  
Descontos de 50 % nos preços tabelados  
**Avenida Stand, L.da**  
57, R. Jardim do Regedor, 59  
Telef. 2 5910 RESTAURADORES

UMA DISPOSIÇÃO ACERTADA

## O pé descalço nas ruas de Lisboa acabou hoje

Começou hoje a vigorar a determinação do Governo Civil que não permite o trânsito pelas ruas da cidade às pessoas que se apresentem descalças.

Como se sabe, não era apenas por miséria, mas sim por habito, que muitas pessoas, sobretudo pertencentes à colónia ovarina, resolviam andar descalças, oferecendo à maioria da população um espectáculo improprio duma capital.



Os que continuam descalços, apesar da determinação policial

Já em tempos o falecido comandante da Polícia sr. Ferreira do Amaral tomara providencias no sentido de acabar com o pé descalço. A breve trecho, porém, essa disposição caia em desuso, voltando o pé descalço a fazer a sua aparição nas ruas de Lisboa, sem ser incomodado pela Polícia.



Dois que não compreendem ainda o rigor da lei, mas que devem ter pais que respondam por eles

Desta vez, porém, o caso muda de figura. Cada esquadra de Polícia nomeou um guarda para exercer rigorosa vigilância sobre os transeuntes, sendo condenadas a pagar uma multa de 67\$50 as pessoas que transgredirem esta disposição.

Durante o dia de hoje, apenas duas escasas dezenas de pessoas incorreram no rigor da lei, havendo muitas outras que escaparam pela malha da vigilância policial.

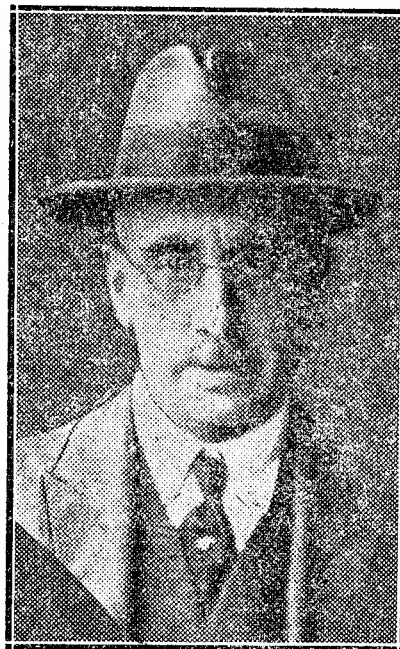
A ASSISTENCIA A'S MÃES

## Abriu hoje ao publico os seus serviços a Maternidade dr. Alfredo Costa

Vimos hoje sorrir, pela primeira vez, o dr. Augusto Monjardino. E tem razão de estar contente o ilustre professor que, ha vinte anos, quasi desajudado, construiu pedra a pedra esta obra grandiosa de assistencia, que se ergue nas avenidas novas, e que se chama, como homenagem a outro medico notavel—Maternidade Alfredo Costa. Não houve obstaculos, nem animosidades, que o vencessem. Modestamente, isolado na sua frieza, indifferente a homenagens, esquecendo o seu nome, e, por completo, a sua clinica particular, o dr. Monjardino deu a Lisboa um hospital que ela não tinha, e que é, sem duvida, o melhor do pais. E' melhor, talvez, eliminar nesta reportagem a palavra hospital. E' demasiadamente fria e triste. Nem de longe nos sugere o ambiente da Maternidade Alfredo Costa, verdadeira casa de saúde e repouzo, que já não temos que invejar aos alemães, os mais avançados edificios deste genero. Ha que lembrar aqui o nome de Pais Rovisco, o capitalista ha pouco falecido, que um dia, em segredo, envolto no misterio do bem, entregou ao dr. Monjardino, mil e quinhentos contos. Foi o impulso final na obra, que o actual ministro das Finanças, dr. Oliveira Salazar ajudou também com decisão. A Maternidade, inaugurada ha semanas, oficialmente, abriu hoje ao publico. Houve no intervalo que completar algumas instalações, recrutar pessoal, retocar um ou outro pormenor. Terminado o periodo das obras, começou hoje a Maternidade a funcionar. Logo de manhã, entraram duas doentes, daqui a uma semana haverá duzentas. Vimo-las na enfermaria, que é linda, de brancos resplandescentes, camas mecanicas, biombo, luz difusa, pequenos berços: açafates de verga de ferro, que ainda não têm flores—numa atmosfera carinhosa e doce, que não sufoca, provocando antes um sorriso de alegria e de admiração. Pois foi possivel fazer isto em Portugal? Foi! E a visita continuou por aquele palacio, através de laboratorios, magnificamente aparelhados, salas de operações, clinicas resplandescentes de apetrechos, estufas, balneários, refeitório, quartos particulares, corredores, elevadores, afinal, todos os orgãos delicados e sensíveis, desta instituição exemplar, onde a dor, passe o paradoxo, não será possivel ou, pelo menos, tão cruel nas pobres *matres-dolorosas*, que um dia hão de ali entrar. Já está tudo a postos. O director, que não descursa o mais insignificante pormenor; os vinte e dois medicos, dos melhores da especialidade, e as enfermeiras, com

as suas toucas brancas, onde rutila a Cruz Vermelha, circulando com rapidez, alegres da sua casa nova.

Como estão organizados os serviços? O esquema é este: duas secções—Uma de obstetricia, e outra de ginecologia. A primeira secção tem como



DR. AUGUSTO MONJARDINO  
Director da Maternidade

serviços: admissão de mulheres grávidas, no nono mês, que necessitem tratamento; puerperas normais; puerperas febris; isolamento e serviços de urgencia. Da segunda secção, isto é, ginecologia, funcionam consultas externas, havendo ao todo seis de obstetricia e ginecologia, tanto para observação, como para tratamento de doentes.

A hospitalização é feita ás horas regulamentares, salvo se se trate de casos de urgencia.

Das trezentas camas que existem na Maternidade, dois terços são para indigentes, e um terço para pensionistas, cujo preço de estadia varia entre 20 e 80 escudos diarios, e «porcionistas», isto é, doentes, recomendadas por Camaras Municipais, associações, individuos idoneos, etc., pagando parte da hospitalização, ou seja, dize escudos e cinquenta centavos.

Eis como funciona a Maternidade Alfredo Costa, que hoje abriu os seus serviços, sob a direcção do seu fundador, o sr. dr. Augusto Monjardino.

Amanhã, terça-feira, inauguração da

## GRANDE EXPOSIÇÃO DE ROSAS

no AVENIDA PALACE — R. 1.º de Dezembro, 137

Se fez as suas despedidas á Exposição e parte amanhã para a sua provincia, aproveite a noite de hoje e não se vá sem ver



**AREIAS DE PORTUGAL**  
NO **POLITEAMA**

A ASSISTENCIA PARTICULAR

## Uma subscrição a favôr do Asilo D. Pedro V

Dos empregados da Companhia Industrial Portugal e Colonias, recebemos este officio:

«Sr. dr. Joaquim Manso:—Lêram os empregados desta Companhia, no «Diário de Lisboa», de 27 de novembro ultimo, o altruistico apêlo desse jornal a favor do Asilo D. Pedro V, aonde vem descripta a situação angustiosa dessa benemerita instituição e o perigo que ameaça 50 das crianças ali albergadas.

Sensibilizaram-se os seus corações de homens de trabalho e assim constituíram-se esses empregados numa comissão angariadora de donativos para o referido asilo, de que estão iniciando os respectivos trabalhos.

Gostariam esses empregados de ver a sua iniciativa secundada por todos os escritórios e estabelecimentos comerciais ou fabris de Lisboa e assim estão empenhados em desenvolver esse auxilio e valer tanto quanto em suas forças caiba às crianças a quem a crise daquele asilo mais directamente possa afectar.

E, iniciando os seus trabalhos, contam desde já com o prestimoso auxilio desse conceituado jornal, de que antecipadamente certos estão, dado o grande empenho que os move de bem fazer.

Com os protestos da nossa maior consideração, apresentamos a V. os nossos respeitosos cumprimentos de Saúde e Fraternidade.

Pela comissão angariadora de donativos para o Asilo de D. Pedro V.—David José da Carvalho»

A nossa campanha em prol da infancia não tem sido inutil. Entre os aplausos e adesões que, de toda a parte nos chegam, esta é, sem duvida, não só a mais valiosa, como a mais carinhosa. Os empregados da importante Companhia Industrial de Portugal e Colonias, num gesto espontaneo, duma sincera e nobre beleza, vão angariar donativos para as criancinhas protegidas pelo «Asilo D. Pedro V», o mais antigo de Lisboa e, talvez, o menos bafejado pela sorte. Seja qual for o dinheiro que recolham—e nós estamos certos de que a proverbial generosidade portuguesa se manifestará mais uma vez—ele irá minorar a situação do simpatico Asilo, que está na iminencia de entregar ás familias metade das suas protegidas.

Generosa e admiravel cruzada, a que val ser iniciada pelos empregados daquela companhia. Que ela tenha o apoio de todos os que sabem minorar o sofrimento humano, eis o nosso mais veemente desejo.

## O crime da Avenida

Continua preso nos calabouços do Torrel, Manuel Pereira que, ha dias, foi preso por suspeita de ser o autor do crime da avenida da Liberdade, de que foi vítima José Nunes Ribeiro de Castro. Hoje, os agentes Jeronimo e Curral ouviram algumas testemunhas que declararam não ser o Manuel Pereira o criminoso.

## Edições da «Renascença Grafica»

RUA DA ROSA, 57, 1.º

Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273

**BIBLIOGRAFIA DE MAFRA**, por JOÃO PAULO FREIRE (MARIO).

**PORTUGUESES EM ROMA**, por NORBERTO DE ARAUJO.

**MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO...** por NORBERTO LOPES.

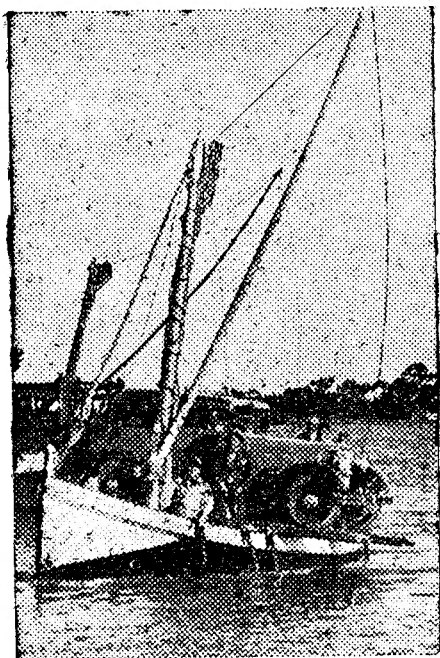
**O LIVRO DO NOSSO AMOR** por SILVA TAVARES.

**Dr. Albino Pacheco**

CURAS PELA HORMOTERAPIA

R. Nova da Trindade 9

Referimo-nos ontem á urgente necessidade da construção duma ponte sobre o Tejo, em frente de Vila Franca de Xira, ponto em que convergem numerosas estradas. Milhares de automóveis atravessam anualmente duma margem para a outra em perigoso equilíbrio sobre frágeis embarcações, como se vê na gravura que publicamos. Cada travessia de automóvel



custa quinze escudos, isto é, trinta escudos ida e volta, portagem que, naturalmente reduzida, todos os automobilistas pagariam com satisfação, desaparecido o perigo da travessia em barcos.

## As «casas de prego» florescem no Japão

TOQUIO novembro—«As casas de prego» foram sempre uma instituição muito difundida no Japão, porém, nunca se viram assaltadas por tal quantidade de clientes como nos actuaes tempos de depressão economica... Antigamente sómente as classes muito pobres faziam uso dessas casas de penhor. Actualmente também a classe media é assídua cliente deias, havendo já varios estabelecimentos desse genero nos bairros elegantes, para atender devidamente a nova clientela...

Só na capital ha vinte casas de emprestimos publicos (Caixas de Credito) e 1.770 «casas de prego». As suas transacções nos primeiros nove meses do ano em curso subiram em conjunto a 3,1 milhões de yen. Os institutos publicos desse genero têm em circulação 165.000 obrigações e «casas de prego» perto de cinco milhões de «cautelas». O valor medio daquellas obrigações é de 5 yen. Os prestamistas particulares podem invertir o seu proprio capital, por sinal muito modesto, três vezes por ano.

A difusão actual das casas de penhores de Toquio teve o seu começo por ocasião dos grandes terremotos no ano de 1923 e como desde então, os tempos em vez de melhorarem, pioraram até, esse ramo de negocio de dia para dia tornou-se por tal razão cada vez mais florescente. Sofreu, todavia, um eclipse quando a maioria da população converteu em dinheiro quasi todos os objectos de valor que possuia, por causa da inflação da moeda.

É esta uma verdadeira obsessão que se apossou da população japonesa principalmente das mulheres que posuídas da febre de ouro e dinheiro vendem os seus valores, fazendo dinheiro de tudo, o que não pode deixar de ter repercussão nas casas de penhores.—(United Press)

**só a casa COSTA, LDA. as vende**

**75=Rua de S. Paulo=77**

**O problema social deve ser resolvido depois de arrumado o problema da fome, diz-nos o engenheiro sr. Carlos Santos, m**

Tendo responsabilidades políticas efectivas na actual situação, pelo facto de ser membro da Junta Consultiva da União Nacional, estava o sr. eng. Carlos Santos naturalmente indicado para ser ouvido acêrca dum assunto tão momentoso, que traz o país verdadeiramente ansioso de declarações, primórdio natural do novo aspecto que vai imprimir-se á governação publica.

—Por que se encontra v. ex.<sup>a</sup> na Junta Consultiva da União Nacional?

Respondeu-nos o sr. eng. Carlos Santos após uma pequena pausa, durante a qual perpassou no seu cérebro um mundo inteiro de reflexões:

—Poderia responder à sua pergunta simplesmente isto: Estou na Junta Consultiva da União Nacional porque para isso fui convidado e entendo que lá devo estar. Mas não é esta, evidentemente a resposta que pretende o jornalista. E, para lhe fazer a vontade, embora os meus hábitos sejam opostos a exibicionismos, e por entender que, na verdade, é necessário marcar atitudes, para que não haja quem as julgue equívocas ou as mal-sine e deturpe, responder-lhe-ei amplamente, ainda que tenha de falar de mim um pouco mais do que desejaria.

Com um sorriso, o nosso entrevistado começou:

—Antes de lhe expôr as razões da minha entrada na União Nacional, e, em seguida, da aceitação dum cargo na Junta Consultiva desse organismo, tenho de fazer uma analyse retrospectiva e reportar-me ao ano já longínquo de 1904; isto é, de retroceder 28 anos. Nessa data foi matriculado, na então existente Empresa Industrial Portuguesa, a Santo Amaro, um rapazito, a quem foi dado o numero 630, que ficou inscrito nos registos daquela fabrica com a categoria de aprendiz de serralheiro. Esse rapazito era pobre, activo, trabalhador e tinha legítimas ambições.

«Estava no seu auge a propaganda republicana, largamente feita nas oficinas. Era com real e sincero interesse que todos nós ouviamos os nossos mestres e encarregados lêr as lin-

das doutrinas que a imprensa republicana de então apregoava e onde se fazia a promessa de que a República viria a estabelecer, na nossa sociedade, um regime de equidade e de justiça.

a. Continuando:

—Por esse tempo ainda não existiam, ou melhor, ainda não haviam sido conquistados os «três oitos». O divisor de vinte e quatro era ainda, nesse tempo, apenas dois, e os rapazes que, como eu, estavam ansiosos de aprender alguma coisa, como caíam tarde do trabalho, eram obrigados a caminhar da oficina para a escola. Próximo da Empresa Industrial Portuguesa, existia e existe ainda a Escola Marquês de Pombal, e que o digam os professores dessa escola, hoje, felizmente, ainda vivos—como Marques Leitão, Valério Vilaça, Rogenmoser e outros—qual o interesse com que seguiam as suas lições os aprendizes e os operários de então, que, ao fim de dez horas de trabalho, iam ali procurar obter alguns conhecimentos.

«Conheci, como era natural, nessa altura, uma quantidade grande de operários já idosos, que entre as suas convicções republicanas, ou junto a elas, mantinham a legítima aspiração de vêr, em breve, satisfeitas, pela desejada Republica, as suas reivindicações a um justificado bem estar e tranqüilo viver, quando á sua porta batesse a hora da invalidez, eles que, durante anos e anos, haviam dado á sociedade o producto do seu labor fecundo e do seu trabalho intenso. Uma vez por outra, iamos ouvir, nos comícios, as afirmações dos «leaders» do partido republicano, e todos nós saíamos dali mais embriagados e mais convencidos de que a satisfação das nossas aspirações só um regime novo, livre, popular, no-las podia trazer.

**As regalias sociais e naturais do  
operário alemão e a menfira  
das afirmações libertarias  
entre nós**

O sr. eng. Carlos Santos prossegue, com a sua vivacidade habitual:

—Chegou o ano de 1907, que foi encontrar o «630» já aprendiz de desenhador na referida fabrica e matriculado no Instituto Industrial. Surge-lhe, porém, uma inesperada felicidade. Concorre a umas bolsas de estudo no estrangeiro, que João Franco criara, e, dentro em poucos dias, encontra-se na Saxonia, Alemanha, matriculado na Escola Industrial de Chemnitz, e fazendo a sua preparação pratica numa officina dali. E principia, então, dentro do seu cerebro, um raciocinio que o perturba. E' o de verificar que o que constitua uma aspiração, insatisfeita, ainda, em Portugal, era já realidade pratica e efectiva num pais muito mais monarchico do que o seu, muito mais autocrata do que aquele donde viera. Ao entrar na officina alemã deram-lhe uma caderneta. Nessa caderneta era aposte, semanalmente, um sêo qualquer, que significava para o possuidor da mesma, a garantia absoluta de socorro na doença e de amparo na sua inva-

lidoz. E isto sucedia ha vinte e  
anos, na Alemanha!

Com um sorriso, não sabemos amargo, se indicativo da desilusão frida:

—Chega, entretanto, em Portugal a aurora redentora de 1910. Desfaz-se, como bolas de sabão, as tradições de oito séculos. Sucumbem, ás mãos dos crentes do regime novo, os piedosos defensores da monarquia e são facilmente vencidos, por uma dúzia de homens de fé, os milhares de adúlteros, descrentes e pusilanimes, seus defensores. Vão realizar-se as aspirações dos trabalhadores de todas as profissões, enfim, vão vêr tornada efectiva e real aquilo que, até então, só fora o seu mais ardente desejo. A tudo então assumida pelo povo nobre, bela e generosa. A' excepção de alguns desvarios isolados, a transformação politica operou-se num sereno ambiente de justas esperanças.

E o nosso entrevistado contin-  
dando às suas palavras um tom  
de sincera magua:

—O modesto operário de 1904 e que era este seu criado, voltou Alemanha em 1912. De regresso à tria, com os ensinamentos obtidos fóra, comecei a trabalhar exaustivamente, alheando-me, por completo das pugnas políticas.

«Assim, assisti, como espectador pagando caro o meu lugar, ao desrolar dos tristes acontecimentos históricos que então se deram e que são conhecimento de todos. O que se fez então foi uma obra truçulenta, uma unidade, sem ideal e, sobretudo, de injustiça para com aquela camada da sociedade que, com fome e com botas rotas, guardara, em 1910, os valores do Banco de Portugal. E assim, abundância de direitos e de liberdades e discursos inflamados: o povo tratava «tu cá, tu lá», com ministros, mas a sua situação — a sua instrução, as suas condições higienicas — em nada melhoravam!»

Mudando de tom:

—É' certo, e não o nego, que a  
ra perturbou, profundamente,  
tuação economica dessa epoca.  
o que se poderia ter feito de 1918  
cá, ou, melhor, logo a seguir a  
Continuando:

—Lutas ester

apostrofes violentas, chalaças, obra que realizava o Parlamento ruas campeava a desordem. Era a verdade tornada licença, a igualdade transformada em inversão e a fraternidade feita odio. Haveria, de pois entre os desordeiros da rua, dos meus companheiros de 1904, quasi posso garanti-lo, a maioria desses companheiros de então sabia moldar, limar, apalinar, e não sabia fazer bombas nem manejar tolas. Os bombistas e os pistoleiros não foram fabricados nas oficinas, não saíram da camada do operário do honrado, possuido de um ideal cego. Foram e são, ainda, o produto da anarquia mental de muitos «pseudo-intelectuais» do nosso tempo. Foram alguns «doutos» que com essas falanges de energumenos aniquilavam mutuamente, ensinavam os outros o que eles não necessitavam conhecer, e deixando-os esquecer o que mais, de perto, lhes interessava.

**A situação actual e o seu es  
para desfazer os erros  
passado, construindo o  
estava por edificar**

O sr. engenheiro Carlos Santo  
continua as suas declarações:

**No TIVOLI: apresenta a obra prima de**

**ERNST LUBITSCH**

# O HOMEM QUE EU MATEI!

**Um filme onde a guerra é um reflexo, mas que é o mais sublime ataque contra a guerra**

## NA SOBRE A SITUAÇÃO POLITICA

# solvido quanto antes pela Ditadura

## da a questão financeira

### membro da junta consultiva da União Nacional

e cinco  
mos se  
usão so-

Portugal  
sfazem-  
radicações  
as mãos  
são pseu-  
são fa-  
luzia de  
adeptos  
s defen-  
pirações  
s profis-  
a coisa  
é então,  
o. A ati-  
povo foi  
epção de  
transição  
no am-  
continuu,  
m nitido  
4 e 1907,  
oltou da  
so a Pa-  
tidos lá  
kaustiva-  
completo,

etador, e  
o desen-  
tos poli-  
e são do  
se fez  
ta., sem  
do, cheia  
camada  
e com as  
0, os ha-  
l. Havia,  
e de li-  
ados. O  
com os  
social,  
ções hi-  
am!

e a guer-  
te, a si-  
oca. Mas  
1918 para  
a 1918!

mutuos,  
as, eis a  
ento. Nas  
Era a li-  
gualdade  
a frater-  
possível,  
a, alguns  
904. Mas,  
ior parte  
o só sa-  
e não sa-  
nejar pis-  
pistoleiros  
oficinas,  
operaria-  
ideal sin-  
o produto  
muitos dos  
osso país.  
e criaram  
os que se  
nsinando-  
avam co-  
cer aquilo  
ressava.

esforço  
ros do  
o que  
ar  
antos con-

—Sou, por essa altura, já patrão, e vivo, como todos os meus operários e empregados podem atestar, na maior harmonia com eles. Não lhes pego a inversão de poderes nem lhes anuncio miragens. Apenas lhes exijo a nitida compreensão das suas obrigações e dos seus deveres, e procuro repartir com eles, na proporção do possível, os legítimos lucros que aufero do meu trabalho honesto e intensivo. A vida do «patrão» corre, porém, por essa época, sempre perigo, as reivindicações dos trabalhadores do meu tempo são, agora, reforçadas com o apoio das armas de fogo que os «meneurs», não operários, lhes ensinaram a manejar. E' a indisciplina tornada regra, o desrespeito a hierarquias e a leis tornado sistema. Vivemos em pleno caos!

«Surge, então, nessa altura, em maio de 1926, a Ditadura Militar, desejada pelo país ordeiro e que quer viver, pedida até por muitos políticos honestos, sérios, dignos, e conscientes das suas responsabilidades. Depois das naturais hesitações inerentes a um novo estado de coisas, principia-se a fazer uma obra de arrumação, lenta mas disciplinada, demorada mas efectiva, e Portugal consegue ocupar, na Europa civilizada, um lugar que já lhe não merece chacota.

Prosseguindo:  
—Um professor ilustre, desconhecido como político, independente, disposto a tudo sacrificar pelo seu país, pensa que, para a realização das profundas reformas economico-sociais de que a nossa terra necessita, é preciso primeiro estabelecer o equilíbrio nas suas contas, e leva nisso quatro anos dum estudo perseverante, dum trabalho ingrato, que a todos nós custa grandes sacrifícios.

Com veemência:  
—Mas sinceramente, a quem pedir esse sacrifício senão aos portugueses? A quem competiria fazer o esforço necessário para o equilíbrio da nossa situação financeira, senão áqueles que nasceram neste abençoado torrão? Vai longo já, o período do maior esforço. Todavia e apesar de todos os sacrifícios, que satisfação moral deverá possuir esta geração, se conseguir realizar a obra que oito séculos de Monarquia e muitos anos de Republica não realizaram!

E o nosso entrevistado comentou, com amargura:

—Eu bem sei que, para o nosso temperamento apaixonado, inconstante, impulsivo e impaciente, a obra do sr. dr. Oliveira Salazar aparece como uma violência, que, pela demora, toma fôros de inoportuna. Não é característica da nossa raça, e muito menos da nossa geração, o saber esperar. Ou fazemos tudo dum facto, ou não realizamos nada. Ou idealizamos concepções fóra do âmbito das realidades, ou somos incapazes de fazer aquilo que é de todos os dias, que é comestinho, mas que é prático e realizável.

Sorrindo-se de novo, o sr. engenheiro Carlos Santos disse-nos:

—Dizia, ha dias, com aquela simplicidade que lhe é peculiar, o nosso presidente do ministério: «Ha quem não esteja satisfeito com a Ditadura, e eu enfileiro na vanguarda dos descontentes». Também eu não estou contente com a Ditadura. Mas... no plenissimo uso do meu direito de cidadão livre, sem coileira, aderi, francamente, á Ditadura e a ela estou disposto a dar o melhor do meu esforço. Contudo, não o faço por mero capricho nem por

mesquinha ambição pessoal, de qualquer natureza. Faço-o, com o direito de pedir algumas concessões para o meu ponto de vista doutrinário, sobre a questão social, que ha muitos anos defendo e que para bem de nós todos, espero ver triunfante antes que a morte me feche os olhos.

E afirmou-nos:

—Se a minha colaboração, modesta mas sincera, simples mas desinteressada, pode ser útil á causa da Ditadura, a esta pego apenas duas medidas fundamentais.

**O problema social tem soluções praticas de largo alcance e de relativamente facil execução**

Acêrca dos seus pontos de vista, disse-nos o sr. engenheiro Carlos Santos:

—Desejo, em primeiro lugar, que se espalhe a instrução em abundancia, que faça deste povo, de 70 por cento de analfabetos, um povo com consciencia e com a sufficiente preparação para compreender o que quer e para onde vai, para só nessas condições entender o que significa «governo do povo pelo povo», bem como para ficar também em condições de compreender a diferença que ha entre os que, desinteressadamente, trabalham pela sua justissima causa, realizando no campo economico ou social uma obra util para o País, e os que vivem de palavras mais ou menos doces, alheios ás realidades. Será difficil atingir este «desideratum»? Não o creio. Com trabalho e boa vontade, ele surgirá em toda a sua plenitude.

Continuando:

—Outra aspiração que me norteia, e que desejo ver resolvida como a primeira, é a que se refere a dois assuntos da mais transcendental importancia para o futuro da Nação e para a tão decantada pacificação da familia portuguesa, que só se alcançará com obras e não com palavras. Ha, na verdade, dois problemas máximos que tornam a vida angustiosa para os desprotegidos da sorte. Que a assistência na doença e na invalidez não seja apatnágio de umas centenas de desgraçados mas, sim, extensiva a todos aqueles que dela necessitem. E, para que ela não vá aos limites do inoportuna, mesmo dentro da situação financeira actual do País, que se pense a sério, desde já, no problema do seguro social, para que todo aquele, operário do braço ou do cerebro, que não tenha condições para defender o seu futuro e o dos seus, não viva com a preocupação de ter de estender a mão á caridade publica quando a hora da invalidez chegar, depois de ter dado á sociedade o melhor do seu esforço e do seu labor.

Com convicção:

—Só assim terminará a ambição máxima do português: ser funcionário do Estado. A maior dificuldade será, de facto, actualizar esse serviço em relação aos que hoje estão proximo da idade dele necessitarem. Mas não me parece que o País desaprove a ideia de

que o Estado pague, afinal á custa dele, a actualização desses encargos.

E o sr. engenheiro Carlos Santos acrescentou:

—O que é urgente, repito, é resolver-se este problema por uma forma total. As actuais soluções parcelares, só interessam á burocracia mercenária, sem resolver a questão. Veja V. o que se passa com os desempregados. Aparece, como quasi resolvido o problema desses infelizes. Não está nada! A grande massa dos desgraçados que a desdita alcançou, está exactamente na classe burguesa, média, a que não sai esfarrapada á rua a pedir esmola, mas que sofre com forçada resignação o seu destino, ás escondidas, no seu tugurio.

#### Palavras claras

O sr. engenheiro Carlos Santos faz uma pequena pausa, para continuar, com entusiasmo:

—Eu gosto sempre de falar claro, e como não me prendem responsabilidades ao passado, nem tenho compromissos no presente, nada receio no futuro, seja ele qual for. Não adulo o povo, porque nada lhe desejo pedir. Mas bato-me por ele, por uma questão de consciencia, certo de que estou trabalhando pelo meu País.

«Nada quiz das situações politicas anteriores, que, mais talvez por erros de organização da sua própria estrutura, do que por defeito dos homens, falharam completamente. Mas também nada pretendo da Ditadura. Apenas faço sinceros votos, como bom português que me prezo de ser, para que ela consiga resolver os dois problemas capitais que acima enunciei. A isso sujeito e condiciono a minha adesão á União Nacional.

Já de pé, fazendo compreender ao jornalista que a entrevista vai findar, o sr. engenheiro Carlos Santos dita, com acentuada energia, com evidente convicção, as ultimas palavras:

—Mal irá ao País, mal irá a todos nós, se a Ditadura não for capaz, não quizer ou não souber efectivar aquelas aspirações. Mal irá á burguesia portuguesa se não concorrer franca e generosamente para a sua realiação. Todos terão que perder; «a revolução actual» não pára, mas menos perderão decerto aqueles que—ainda que pertencendo hoje ás classes que usam colarinho lavado e constituem, para o desordeiro, a odiada burguesia,—se não esqueceram ainda de mexer na ferramenta, nem receiam voltar ao ambiente em que começaram a sua vida.

## Rosas todo o ano

Quem as quizer ter compre as roseiras no **Paris-Chiado** (Rua Garrett, 62, 64—Telefone 26068). Culturas do conhecido florista Lopes.

**Amanhã 3.ª feira, 6, inauguração da Grande Exposição de Rosas no "Avenida Palace"—Rua 1.º de Dezembro, n.º 137.**

## O Natal dos pobres

do «Diario de Lisboa»

A situação de desamparo em que vive, mercê da crise gravissima em que nos debatem, uma grande parte da população de Lisboa, não precisa de descrições para que toda a gente a conheça e a compreenda.

Não ha ninguém, na capital, sobretudo, que ignore quanta miséria, quanta aflicção e quanta fome se sofreu por aí pelos recantos todos da cidade, uma legião imensa de infelizes amargando com heroico resignação a privação de tudo quanto se torna necessario á vida.

E se isto assim é normalmente, se este estado de coisas é de todos os dias, calcule-se como será infinitamente doloroso na data festiva do Natal que se aproxima, precisamente quando o mundo inteiro, comemorando o nascimento do fundador do Cristianismo, celebra com esse facto historico o triunfo definitivo da fraternidade universal!

Porque não hão de todos os homens de boa vontade condoer-se, ao menos nesta quadra do ano, dos seus irmãos a quem a desgraça venceu, vindo em auxilio deles com um pouco de conforto que disfrutam?

E' este o nosso apêlo, que esperamos seja ouvido por não termos descrido ainda da solidariedade nem dos outros sentimentos que afirmam a nobreza da condição humana.

|                         |         |
|-------------------------|---------|
| Transporte.....         | 500\$00 |
| A. M. ....              | 20\$00  |
| Uma anonima .....       | 10\$00  |
| Um leitor assiduo ..... | 20\$00  |
| J. L. R. ....           | 20\$00  |
| Uma leitora .....       | 30\$00  |

A transportar ..... 600\$00

## Os desportistas franceses vão ter um Pantheon

PARIS novembro.—Não é somente aos grandes poetas, estadistas e homens de ciencia que se tributam grandes honras depois da sua morte. Nas esferas desportivas francesas quer-se fazer agora uma honra semelhante também ás gentes do desporto... Fala-se já a sério do projecto de edificar um Pantheon do Desporto igual ao celebre Pantheon parisiense de Soufflot. O projecto da obra referida está tão adiantado que já se fixou o lugar onde deverá erguer-se o novo Pantheon, ou seja o cemitério da Avenida Pershing no bairro de Neuilly.

No Pantheon receberão sepultura homens illustres do desporto activo, como o famoso corredor pedestre Jean Bouin; o decano dos ciclistas franceses, Renault; aviadores illustres como Guynemer e Clemente Ader e o jornalista desportivo falecido no ano passado Frantz Reichel.

Uma comissão permanente de gentes do desporto deverá indicar as individualidades que merecem a honra de receber sepultura no Pantheon do Desporto Nacional. Não será essa uma missão simples nem facil visto que a fama desportiva é muito fugaz, duma maneira geral.

Basta pensar, por exemplo, no celebre jogador de box, George Carpentier, que um dia foi o idolo das multidões para estar hoje completamente esquecido.—(United Press)

## O sr. Jimmy Walker não voltará aos Estados Unidos?

NAPOLES, novembro.—O ex-burgomestre de Nova York, Jimmy Walker, parece que não vive muito satisfeito na America, desde que a sua estrela politica começou a empalidecer.

Assim, Walker anda em viagem de recreio pelo Velho Mundo. Desembarcou em Napoles, por algumas horas, e declarou a um representante da «United Press» que tinha intenção de permanecer na Europa, por causa da alguns negocios importantes que tinha entre mãos, e que a sua estadia no continente europeu se prolongaria provavelmente por bastante tempo.

Walker pensa, por ora, passar algumas semanas, ou talvez alguns meses, na Riviera, seguindo depois para Paris. Na capital francesa diz-se que o popular burgomestre não voltará mais aos Estados Unidos, pois fixará a sua residencia definitiva ali.—(United Press).

**Quer a sorte grande? Habille-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo. 115**

## No SÃO LUIZ

despede-se hoje o grande filme

## RAPARIGAS DE UNIFORME

Amanhã: o novo filme da UFA

## ESTUPEFACIENTES

## A Musica

## Academia dos Amadores

Realizou-se, numa consoladora e prometedora atmosfera de Arte, o concerto inaugural da Academia dos Amadores de Musica.

Abriu a sessão o presidente da direcção, sr. Alexandre Ferreira. Com palavras de justo elogio pela obra de Tomás Borba, director artistico da Academia durante tão largos anos, comunicou os interessantes projectos da nova direcção artistica, que recaiu agora no professor mais antigo, maestro Pedro Blanch. A seguir, a palestra do professor Eduardo Liborio não só nos interessou invulgarmente como nos fez sentir cada vez mais a falta insubstituível que Eduardo Liborio faz no campo da critica musical, onde seria chamado a desempenhar um papel de absoluto merecimento e destaque.

No concerto, colaboraram: Emilia Aguas Lopes, violinista bem acompanhada por Cecilia Borba, no «Canto de Walter», e em «Vieuxtemps»; Beatriz Coelho, na encantadora «Sonatina» de Ravel, e extra-programa em Schuman; e Leonor Viana da Mota, acompanhada por sua irmã Inês, em Schubert, Turia—duas empolgantes melodias,—Bach, de quem interpretou uma aria jocosa, e extra-programa o velho e sempre novo «Plaisir d'Amour».

Emilia Aguas Lopes é, de certo, ainda aluna; como tal, é justo destacar as suas qualidades de afinação, de arcada e mesmo de emoção. Beatriz Coelho é uma sensibilidade apaixonada e a sua tecnica é requintada, incluindo aqui em tecnica a linda qualidade do som; e mesmo gostando de um Ravel interpretado com mais espirito e menos sentimentalismo, não pode deixar de apreciar-se vivamente a inteligente e «vívida» interpretação de Beatriz Coelho.

Leonor e Inês Viana da Mota desabrocham agora para uma vida artistica de largas possibilidades; no entanto, pelo proprio papel de cada uma, é a cantora que ocupa desta vez o primeiro plano; emoção artistica moça, mas já vibrante, e justa, quasi diríamos *experimentada*, servida por uma linda voz de soprano, e por uma rara vocação de dicção, e da caracterização. Acrescente-se a excelencia da pronuncia em francês, a magua de não ouvir coisa alguma em português —e a expectativa em que ficamos.

## Concerto Sinfonico Ruy Coelho

O maestro Ruy Coelho acaba de realizar em S. Carlos o seu anunciado concerto sinfonico, com as seguintes peças no programa: «Gruta de Fingal», Mendelssohn; «Ballet de Sylphes», de Berlioz; e do maestro Ruy Coelho as seguintes obras «Alcacer», «Nocturno» e «Valsa» do «Ballado do Encantamento», um fragmento da opera «Belkiss», o «Fado» e a «Melodia de amor» cantados com muito exito por D. Izabel Pêgo Bergstrom, a «Dansa» e o «Fado» da 2.ª «suite portuguesa», a «Abertura para comemorar a chegada dos portugueses á India», e a 1.ª audição de 4 danças portuguesas e uma pequenina sinfonia em 3 andamentos.

Estas novas produções do maestro Ruy Coelho são, musicalmente, despretenciosas, apesar de ser flagrante nas danças a preocupação nacionalista quanto á orquestração. Do grau a esse modernismo e esse nacionalismo ascendem, e do prejuizo que lhes causa o menor apreço do maestro Ruy Coelho por qualquer sorte de estetica, o Tempo falará muito melhor ainda do que nós o poderíamos fazer. Isto não é de modo algum desdenhamos por nossa vez das faculdades de trabalho do maestro Ruy Coelho; pelo contrario, a sua tenacidade de produtor é, até certo ponto, um exemplo... Seja-o, pois, para todos que tenham um projecto em que empenhar-se, com animo varonil e o credo no coração.—F. B.

## Barcos automoveis

Chegaram a Lisboa, para demonstrações, tres barcos automoveis, construidos pela Power Boat Company, de Southampton.

São tres tipos diferentes, incluindo dois adaptados pela aviação inglesa.

Estes barcos, pela especial construção dos cascos e pelas velocidades, com applicações utilitarias e recreativas, são não só a ultima palavra no genero, mas representam, pelas suas caracteristicas, uma nova fase no transporte automovel pelo mar.

Os agentes em Portugal da Power Boat são a firma E. Pinto Basto & C., Lda.

## UM PROBLEMA OPORTUNO

## Os bairros operarios

Emile Zola, com a sua obra realista, mas tão cheia de piedade e de coração, foi um dos escritores que mais contribuíram para dignificar e elevar as classes operarias. *Le Travail* é o livro precursor das *ciudades-jardins*, construidas propositadamente para abrigar os trabalhadores das fabricas.

Como succede no romance do escritor francês, essa obra de caracter social e humanitario começou por ser realizada pelas empresas patronais. Quasi tudo experiencias timidas e incertas.

A Grande Guerra é que devia trazer, como consequencia, uma compreensão mais segura dos problemas sociais. Misturados nas trincheiras, irmanados na mesma sorte, o filho de rico, habituado a todas as elegancias e vaidades, e o operario modesto, em cuja casa faltava o mais elemental conforto, a guerra estabeleceu o nivelamento das classes, impondo a revisão dos valores da sociedade.

As transformações vieram, bruscas e mesmo inquietantes, para os que não querem deminuir, em beneficio dos outros, os seus privilegios e riquezas. Industrias houve que compreenderam a situação. Mas os grandes beneficios de que hoje goza a classe operaria, excepção feita á America do Norte, devem-se, sobretudo, á iniciativa oficial. Quer os governos sejam da direita ou da esquerda (para nos servirmos dum termo estabelecido, pelo habito), quer se viva em regime parlamentar ou em ditadura, todos compreendem que o momento é de concessões ás classes trabalhadoras.

Os bairros operarios existem hoje em quasi todos os países da Europa e da America, criaram raizes no Japão, preocupam os governantes da Republica chinesa e até o negus da Abyssinia, na sua viagem pela França, declarou estar disposto a fazer o mesmo no seu país.

\* \* \*

Em Portugal, depois de varias tentativas, cujos resultados desconhecemos, foi publicada a lei das Casas Economicas, da autoria do jovem e inteligente ministro, sr. engenheiro Araujo Correia. Quatro anos passados, quando já todos pensavam que a lei morreria no papel, como tantas outras, aparece um comunicado nos jornais annunciando que a Caixa Geral de Depositos concede 20 mil contos para a construção, em Lisboa e Porto, de Casas Economicas, destinadas a funcionarios publicos e operarios. E' caso para louvarmos a Administração da Caixa e o ministro, que concordou com o emprestimo.

Num país, onde as obras sociais têm sido completamente descuradas, esta medida tomada neste momento de crise chega mesmo a ter uma dupla importancia. Servem-se os interesses da colectividade e acode-se ao desemprego, da maneira mais inteligente, porque não é com esmolas que se deve resolver a situação dos que não têm trabalho.

Fizeram bem os legisladores em in-

cluir os funcionarios publicos no numero das pessoas beneficiadas pelas Casas Economicas. Eles são tambem grandes victimas da carestia da vida. Eu juntaria mesmo, no bairro que lhes é destinado, umas quantas casas, com «ateliers», para artistas e escritores, tal como se fez proximo de Paris, na região de Plessis Robinson. Quem é que já pensou, em Portugal, na sorte desses trabalhadores intelectuais que a miseria afasta das carreiras a que se destinavam, e que podiam ser elementos de primeira grandeza na nossa civilização?

Na parte que se refere propriamente ao operariado, esta lei das Casas Economicas pode ser o inicio duma grande e vasta obra social. E' facil avaliar o que representa para a vida dum operario a casa confortavel, onde os filhos possam viver em quartos separados, sem aquela promiscuidade que traz sempre consequencias morais desagradaveis, casa que deve ser rodeada de canteiros ajardinados e possivelmente dum pedaço de horta. E tudo isto pelo mesmo preço que se paga por uma casa infecta ou por um quarto sem ar nem luz. E que consolação não deve ser para o operario a certeza de que, no fim de 15 ou 20 anos, aquela casa lhe pertence e representa uma pequena herança para os filhos?

Modestia e economia são as condições necessarias para a realização desta obra. Nem uma nem outra excluem a elegancia e o bom gosto. A ocasião deve ser aproveitada para a construção de lindos bairros, onde o ar e a luz penetrem por todos os lados. Cada um deles deve ser uma verdadeira «cidade-jardim», com motivos decorativos, arvores e flores, alguma coisa de semelhante, embora com mais modestia, ao que se tem feito na cidade do Mexico.

No centro de cada bairro, tal como Zola visionava no seu livro, deve haver a creche, onde as mães possam deixar os filhos quando vão para o trabalho, a escola primaria com uma secção de artes e officios, as casas de banho, os campos de jogos, as salas de reunião, a biblioteca, o cinema educativo—tudo elementos de cultura e civilização, indispensaveis na nossa epoca.

Nada de luxos, mas conforto, elegancia e bom gosto. Uma constante lição de beleza, tão necessaria ao povo das grandes cidades, onde os erros artisticos são imensos e não podem ser corrigidos pela contemplação da Natureza.

Não sabemos como é que a Caixa Geral dos Depositos vai resolver o problema, financeiro, quanto a esta parte central dos bairros operarios, cujas receitas não podem pagar o capital empregado. Conta ela com o Estado, com as Camaras Municipais? Não sabemos. Seja como for, essa parte tem de se realizar. Sem ela, o problema não ficava resolvido e perder-se-ia a oportunidade de dar inicio a uma vasta obra de reorganização social, tão necessaria no nosso país.

IRENE DE VASCONCELOS.

## COFRES FORTES

Estando concluidos os trabalhos de instalação da casa forte do Banco Pinto & Sotto Mayor, em que foram utilizadas nos cofres de aluguer as conhecidas fechaduras dos «Établissements Bauer, S. A., de Zurich», e nas portas da casa forte as reputadas fechaduras de Theodor Kromer, de Fribourg-Bade, umas e outras construidas por forma a darem a maior garantia de segurança, vimos convidar os nossos Ex.<sup>mos</sup> Clientes a visitarem as ditas instalações.

Lisboa, 30 de Novembro de 1932.

A ADMINISTRAÇÃO

## Viagem a Angola

## Crónica da partida

A bordo do «Moçambique», outubro.  
—O mar, quasi sempre duro nestes dias de outono agreste, parece espreitar os paquetes á saída da baía de Cascais para com eles dansar uma valsa cadenciada e continua.

O «Moçambique» tinha deixado para trás, envoltos numa luz tenue, os Estoris e a Costa da Caparica, quando ao capricho das ondas começou a jogar impellido pela vaga larga. Os passageiros haviam desaparecido do convés e á mesa do jantar poucas pessoas appareceram. O comandante Leão Cardoso, pelo nome não perca, com a sua barba de Nazareno afirma ás poucas pessoas que o rodeavam á mesa, que aquilo não era nada e que o «Moçambique», ha anos sob o seu comando, enfrenta sempre com galhardia os mares tempestuosos do Cabo da Boa Esperança.

No dia immediato nenhuma passagem se afoitou a subir ás cobertas e só ás primeiras horas da manhã seguinte, diante do espectáculo maravilhoso da ilha da Madeira, nos foi dado contemplar um gracioso grupo de passageiros, que para nosso mal ia desembarcar no Funchal.

O operador cinematografico que acompanha a caravana dos jornalistas franceses já tinha assestado o aparelho para filmar os navios ancorados no porto. A «mala do Cabo», grande, bojuda, fumegando em espiral, o «Carvalho Araujo», correio dos Açores, um navio holandês, um barco de carga e um rebocador das obras do paredão do cais. Tudo aquilo envolto numa claridade doce a que o maceio tranqüilo da ilha empresta um admiravel pano de fundo.

Descemos todos, alegres, de Kodak ao tiracolo e uma alegria comunicativa de quem tendo deixado para trás o temporal desfeito encontra a terra bendita. No cais braços acolhedores estendem-nos as mãos.

O presidente da Camara do Funchal, dr. Alvaro Vieira, um moço cheio de vida, o illustre escultor Francisco Franco, vice-presidente da Camara, e o sr. Gastão de Deus Figueira, brilhante advogado e governador civil. Abraços, apresentações, e em dois minutos traçou-se um programa para as poucas horas de escala do «Moçambique». Subida ao Monte, a Rio Frio, almoço no Terreiro da Luta e descida em carrinha.

O operador cinematografico já saltara para um automovel, com Christian de Caters para lhe servir de interprete, e começava a filmar tudo. Carros de bols, servindo de taxis, cestos de fruto exotico, bordados, a multidão tranqüila e tudo aquilo á mistura de palavras amargas pelo curto tempo de escala, diante da beleza incomparavel da ilha. Resolvemos deixá-los sós e marcamos-lhe o almoço no Terreiro da Luta, ás 14 horas.

O diabo era Chauvelot que se embrenhara no mercado a comprar cheus de palha e de pano, á maneira de funil, sandalias, cestos com fruta. Sempre o mesmo Chauvelot, irreverente, arreado. Mas lá conseguimos metê-lo no automovel, e meia hora depois, pela estrada nova da ilha, que o sr. governador civil se não cansava de gabar a beleza do traçado e a perfeição das curvas, estavam no alto de Rio Frio, donde a vista se alarga em contemplações misticas e religiosas.

Findo o almoço descemos em carrinhas, com grande contrariedade de Georges Scott, que queria reter aquele espectáculo inesperado no seu lapis para transmitir á «Illustration».

O sr. governador civil leva-nos á sua linda vivenda e faz-nos provar um vinho da Madeira, um autentico antepassado.

Mas o «Moçambique» atira-nos apitos roucos de impaciencia e ganhamos o cais a correr.

Havemos de voltar. Fazem-se projectos, enquanto o gasolina encosta ao paquete já em movimento e atirando toques de sereia de despedida.

Partimos e todos nós fomos para a ponte, sem nos importarmos com a sineta que badalava para o chá, tendo descido quando a ilha da Madeira era só uma recordação.

GUERRA MAIO

## Curiosidades

## De medico a curandeiro

MEXICO, novembro.—Só tornando-se curandeiro, um verdadeiro medico pode captar a confiança e a simpatia dos indios mexicanos. Esta experiencia puderam-na fazer varios medicos enviados pela Direcção de Saude aos lugares habitados pelos indios.

O governo mexicano ordena ás chamadas «missões de cultura», de que fazem parte, desde ha pouco tempo, alguns medicos, que visitem, de vez em quando, os indios. Ao principio, estes não queriam ouvir falar das artes de curar destes medicos, contribuindo para isso, a campanha que contra eles faziam os curandeiros da tribo, que viam no medico um perigoso concorrente. Mas, a pouco e pouco, os curandeiros foram enganados, ou antes, combinou-se com eles uma forma de colaboração. Os medicos verdadeiros ensinaram-lhes os seus metodos de cura e forneceram-lhes os medicamentos precisos para os seus tratamentos. Com a ajuda da sua nova ciencia, os curandeiros das tribos obtiveram grandes exitos, entre os seus irmãos de raça, ganhando assim muito maior prestigio do que tinham antes.

Agora, quando chegam lá as missões, acompanhadas dos seus medicos, estes são calorosamente recebidos e festejados pelos seus «companheiros» de profissão.

O desejo de saber, nos indigenas, chega a tal ponto, que vêm espontaneamente procurar os brancos, para aprender as suas artes curativas. Indios de diversas regiões acodem em grande numero, aos «acampamentos de saude», no Estado de Michoacan, para receberem instrução gratuita sobre os principios da hygiene. — (United Press).

## O ultimo rei dos Incas

LIMA, novembro.—Já ha 400 anos que o conquistador espanhol Pizarro, com um punhado de guerreiros valentes, fez prisioneiro o ultimo rei dos Incas. Em memoria deste acontecimento historico, realizou-se com toda a solenidade, em Cajamarca, a cerimonia da colocação da primeira pedra para o monumento que ali será erecto, em honra do ultimo rei dos Incas, Atahualpa. Os dominios deste monarca estendiam-se sobre os actuaes territorios do Peru e da Bolivia, assim como em parte do Chile e do Equador.

Aproveitando a referida cerimonia, inaugurou-se uma nova linha aerea para Cajamarca, assim como uma nova estação radiotelegrafica, nesta cidade. — (United Press).

## Balanço moral do filme

SYDNEY, novembro.—A pedido das autoridades eclesiasticas de beneficencia, um dos seus funcionarios viu os 250 filmes sonoros ultimamente produzidos, e, baseado no seu exame, fez um relatório, que enviou ao ministerio, pedindo energicamente que se exerça uma censura mais rigorosa sobre eles, muito especialmente nos que são permitidos para a juventude.

Nos 250 filmes referidos havia assuntos a que as autoridades fizeram reparo, tais como: 97 crimes, 70 casos de «situações difíceis» familiares, 22 raptos, 45 suicídios.

Entre os heróis e heroínas dos filmes havia: 176 ladrões, 25 mulheres de caracter duvidoso e 45 bebados inveterados. — (United Press).

## "O VOLANTE,"

Acaba de publicar-se o numero 270 de «O Volante», que é, pela oportunidade e pelo valor do seu texto, um dos mais interessantes até hoje publicados pela conhecida revista de automobilismo e turismo. O seu sumario é o seguinte:

Ecos e comentarios—No proximo mês de fevereiro baterá o record mundial de velocidade, artigo do antigo recordman americano Barney Oldfield—Magazine—Eles por eles: a vida de corredor do campeão motociclista Mario Telles—O Algarve, na quadra arentadora das amendoeiras em flor—O I Grande Premio do Estoril—Consultorio Juridico—Porto automobilista (noticias, comentarios e entrevistas)—Por esse mundo—Variações de actualidade internacional—Noticias portuguesas e estrangeiras—Gravuras, caricaturas, etc.

**Quer a sorte grande?**  
Habillta-se na tabacaria MADRID  
Rua do Mundo, 115

## UMA OBRA INTERESSANTE

## Propaganda colonial

O numero de outubro do Boletim Geral das Colonias que acabamos de ler com raro prazer, surpreendeu-nos como obra utilissima que pelo seu caracter e oportunidade flagrante merece sem duvida o nosso mais caloroso aplauso.

Elaborada pacientemente pelo sr. Julio Caiola, funcionario superior da Agencia Geral das Colonias, com um cuidado revelador de reais e insofismaveis qualidades de cronista, propõe-se relatar a viagem do sr. ministro das Colonias a S. Tomé e Príncipe e Angola.

Não podemos passar em silencio o alto significado que tem um trabalho desta natureza num país como o nosso, onde todas as obras em que se procura estudar desenvolvimentos os problemas do ultramar se encontram apenas em relatórios de nula circulação ou então nas adormecidas estantes dos arquivos, sem leitores.

O numero de outubro do Boletim Geral das Colonias que ora apreciamos é uma obra viva, onde facilmente se ausculta a vida das Colonias e onde sem esforço se toma contacto com aquele conjunto de realidades cujo conhecimento é indispensavel para que se possa fazer uma ideia justa e nitida dos problemas a resolver e das medidas a adoptar.

No seu lucido trabalho o sr. Julio Caiola fornece-nos indicações minuciosas sobre tudo quanto diz respeito a São Tomé e Príncipe e Angola e nomeadamente ás aspirações, tanto de natureza sentimental, como material, que as entidades competentes fizeram chegar até aos ouvidos do sr. ministro das Colonias.

Os organismos economicos, as for-

ças vivas, as associações comerciais, etc., expõem claramente os seus desejos e bem justificadas reclamações que encontram, sem duvida, o necessario eco nas providencias que neste momento estão sendo tomadas.

\*\*\*

Ilustra o volume, além de alguns graficos deveras elucidativos, uma magnifica documentação fotografica, factor que não é para desprezar em obras desta natureza. Mais que em qualquer outro trabalho a documentação fotografica é indispensavel quando se pretende demonstrar o grau de desenvolvimento em que se encontra uma colonia, a sua aparelhagem, industrial e agricola, caminhos de ferro, estradas e especialmente a prosperidade e eficiencia das estações agronomicas e zootecnicas cuja evidenciación se torna urgente para que deixem de circular essas ideias feitas da incultura, da esterilidade e do abandono que esvoaçam na opinião publica com uma persistencia inadmissivel e que obras como a presente vêm destruir. Tal desideratum é, sem duvida, difícil de alcançar, e o sr. Julio Caiola é desta forma credor da nossa admiração, pois que alcançando reunir tão avultado numero de fotografias demonstrativas das belezas naturais, e das realizações levadas a efeito em São Tomé e Príncipe e Angola, prestou, sem discrepancia, um real serviço á causa da propaganda das nossas colonias, contribuindo desta maneira poderosamente para a formação de uma opinião publica consciente e construtiva.

F. ALVES DE AZEVEDO

## A estreia notavel

da Troupe Christians, no brilhante Espectaculo da Moda

que se realiza esta noite no

**COLISEU**

As proezas de Burkett e os seus elefantes

## Os novos quadros de J. Dixon &amp; C.º

O magnifico e atraente programa de circo que se está exhibindo no Coliseu é o unico motivo de affluencia de milhares de pessoas todas as noites á monumental casa de espectaculos.

Além de que se estão succedendo continuamente as estreias de numeros novos, que enriquecem os programas já de si admiraveis.

Ainda hoje, dia de espectáculo da moda dedicado á sociedade lisboeta, se faz a estreia da notavel Troupe Christians, admiraveis gymnastas olimpicos que trazem consigo a artista mais pequenina do mundo.

Mas o interesse que não descansa, por parte do publico, é pelos elefantes, os famosos e colossais bichos que toda a gente quer ver dansar, fazer equilibrios e acrobacia e admirar ao mesmo tempo a extrema coragem de Burkett, o rei dos domadores, que, deitado, consente que um dos elefantes lhe assente a pesadissima pata sobre o peito, ante o assombro e o receio sinistro de milhares de pessoas!

A Estrela Magnetica, criação de John Lois and Partner, é um trabalho executado a 20 metros de altura e que enche de calafrios a multidão estupefacta! Não ha ninguém que não queira admirar tamanha prova de coragem.

J. Dixon & C.º renovam hoje o seu original Museu de Trapos, executando pela primeira vez os seguintes quadros: «Chegada de Colombo pela primeira vez a terras da America», formidavel quadro historico, o maior do mundo e que os Dixons realizam com seis metros de comprimento; «Uma estocada de Belmonte», composição de Dixon, de admiravel realismo, e «Jesus diante de Pilatos», obra prima do famoso pintor húngaro Michel Munkacsy.

Os palhaços farão também novos intermedios comicos.

Vai, pois, ser brilhantissimo o espectáculo desta noite no Coliseu, onde se exibem todas as atracções da companhia de circo.

Quinta-feira haverá Matinée dedicada ás crianças.

## Mundanismo

Boiver. ar. os

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Luiza de Sousa Coutinho Empis, D. Alice Aisberg de Mendonça, D. Gabriela Rebelo da Silva, D. Izabel Roque de Pinho Pinto Basto, D. Alzira Rebelo de Andrade, D. Lucia Marques de Almeida, D. Maria da Conceição Cardoso Coelho e D. Clotilde Augusta Serrenho Safera da Costa.

Aracamento:

No dia 8 do corrente, realiza-se na capela do palacio dos srs. marqueses de Pombal, em Oeiras, o casamento da sr.ª D. Maria Candida da Silveira e Lorena de Magalhães Corrêa, filha da sr.ª D. Maria Leonor da Silveira e Lorena de Magalhães Corrêa e do contra-almirante sr. Luiz Antonio de Magalhães Corrêa, com o sr. Joaquim Belford Corrêa da Silva (Paço de Arcos), filho dos srs. condes de Paço de Arcos.

Caridade

## «Matinée» cinematografica

Na tarde de sabado proximo, realiza-se, no Cinema Central, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazem parte condessa de Farrobo, D. Eugénia de Castello Branco Alves Diniz, D. Maria José de Avelar Machado Bravo Borges, D. Maria Tereza de Lancastre Ferrão de Castello Branco, D. Maria Tereza de Saldanha Quintela (Farrobo), marquesa de Pombal e D. Palmira Lopes Tavares Lobo da Silveira, uma interessante «matinée» cinematografica, de caridade, cujo produto se destina a um fim altamente altruista.

Os pedidos de bilhetes para esta elegante «matinée» requisitam-se pelo telefone norte 3352.

Pontos de reunião

## Exposição de Rosas

Inaugura-se amanhã, na Avenida Palace, na rua 1.ª de dezembro, uma exposição de rosas da casa «Paris-Chiado», da rua Garrett, 62-64. Serão também expostas e vendidas, além das rosas, rosas modernas, tudo cultivado pelo conhecido florista Lopes.

## No São Luis Cine

Continua a peça «O Fetiche...» a atrair ao Trindade, todas as noites, uma selecta concorrência, entre a qual nos recorda ter visto as senhoras:

Condessa de Idanha-a-Nova, D. Palmira da Costa e Silva, D. Maria do Carmo Correia Machado, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Palmira Santa Rita Amado, D. Beatriz Santa Rita Nunes da Silva, D. Julieta da Costa e Silva, D. Maria Franco dos Santos Castello Branco, D. Raquel Cardoso de Carvalho, D. Emilia Pimentel, D. Maria de Almeida da Mota Marques, D. Maria Eugénia Pinto de Oliveira e Silva, D. Maria Alice Nunes Pinto, etc.

## No Cinema Condes

Assistencia elegante ás exhibições do actual programma sonoro:

D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Inês Garcês Pinto Basto, D. Maria Berta Ramos de Castello Branco, D. Maria Izabel Ortigão Ramos Jorge, D. Francisca da Camara Pinto Basto, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Maria Helena Nobre da Costa, D. Amelia de Faria Baptista Morgado, D. Maria de Lourdes de Sousa e Vasconcelos Perestrelo, D. Emé Polnay de Castello Lopes, D. Maria Emilia Allen de Vasconcelos, D. Izabel Roque de Pinho Pinto Basto, Senhora de Carlos Pires, D. Maria Manuela Ferreira Lima de Serpa Pinto, D. Mercedes Bernaud Cayola, D. Maria Emilia Pinto, etc., etc.

## No Central Cinema

Assistencia elegante ás exhibições do actual programma sonoro:

Condessa de Sucena, D. Maria Berta Ramos de Castello Branco e filha, D. Maria Izabel Ortigão Ramos Jorge, D. Adellina Gomes Pressier, D. Ernestina Soares de Albergaria Nunes de Carvalho, D. Dayse Maria Cohen de Bettencourt, D. Maria Cohen Espírito Santo Silva, D. Alda Barroso, D. Delfina Galeão Roma, D. Estela de Avila de Freitas Branco, D. Maria Emilia Allen de Vasconcelos, D. Izilda de Vasconcelos Salgado, D. Maria Tereza Pressier Lino, D. Maria Tereza Correia de Almeida (S. Januario), D. Jeanne von Gingenlen e filhas, D. Manuela de Carvalho Roca, D. Maria José de Sousa Viegas, D. Maria da Conceição de Carvalho Roca, etc.

em viaje

Regressou de Alcobaca, a Lisboa, com sua filha, a sr.ª D. Lidia de Guimarães Viel.

Encontra-se de novo em Lisboa, vindo da sua casa de Beliz, perto da Povoá do Varzim, o sr. Carlos Rodrigues de Miranda.

A sua casa em Lisboa, regressou da sua viagem pela França, Suíça, Belgica, Alemanha e Inglaterra, o distincto engenheiro-geografo, sr. dr. Joaquim Musso Ferrare Vaz.

De Alcobaca regressaram a casa de seus pais a sr.ª D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros e o nosso presado colega na imprensa sr. Luiz Trigueiros, e o sr. Luiz Augusto Forjaz Trigueiros.

## Tauromaquia

## Touros no Brasil

O nosso conhecido Alejandro Saez «Ale» está toureando em Porto Alegre, Brasil, tendo-se estreado no dia 9 de novembro em companhia de Machaquito de Cordoba, e doutros toureiros, numa praça com a lotação de seis mil pessoas e na qual os portugueses têm novo local de acção.

## Tapetes de Arrayolos

Ninguém compre sem ver as lindas reproduções das antigas tapeçarias seculo XVII, da casa de artigos regionais —Arte e Menage—Alecrim, 71, 1.º

**CARTAZ****TEATROS**

Nacional—A's 21 e 30—«Dona Formiga».  
 Politeama—A's 20 e 45 e às 22 e 45—«Arcas de Portugal».  
 Trindade—A's 21 e 30—«Feitiço».  
 Avenida—A's 21 e 30—«O Escorpião».  
 Variedades—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Desculpa, ó Caetano!»  
 Maria Vitoria—A's 20 e 45 e às 22 e 45—«O Grande Salvador».  
 Coliseu—A's 21—«Companhia de Circo».  
 Capitollio—A's 1—«Variedades e cinema».

**CINEMAS**

São Luiz—A's 21 e 30.  
 Cinema-Gimnasio—A's 21 30.  
 Tivoli—A's 21 e 30.  
 Odeon—A's 21—«Cinema e variedades».  
 Condes—A's 21 e 30.  
 Royal—A's 21 e 30.  
 Olimpia—Sessões continuas das 14 e 30 às 24.  
 Central—A's 21 e 30.  
 Chiado Terrace—A's 21 e 30.  
 Paris-Cinema (Sonoro)—R. Domingos Sequeira  
 Cine Palácio—A's 21 e 30.  
 Salão Ideal—A's 18.  
 Palatino—Rua Filinto Elísio, e Santo Amaro  
 Eden Cinema—R. Alvim—A's segundas, quintas, sábados e domingos.  
 Promotora—Largo 20 de Abril ao Calvario  
 A's quartas e domingos, às 21 (sonoro).  
 Belgica Cinema—(A rua da Beneficência—  
 Espianada Alvares Cabral—(Sonoro)—Ao ar livre—A's 9 e 45.

**DEZEMBRO****5****SEGUNDA-FEIRA****Escorpião**

no

**AVENIDA****A's 9 1/2 horas**

A peça mais discutida  
 E de maior sensação  
 Vai hoje no Avenida  
 E chama-se O ESCORPIÃO

Em ensaios: o novo original de

JOÃO BASTOS

**O Noivo das Caldas****SAPATARIA VOGA**

(de MANUEL G. DE CARVALHO)

Os mais chics modelos  
 para a presente estação,  
 encontra V. Ex.<sup>a</sup>  
 em exposição no foyer  
 do S. Luiz Cine e na

**RUA DA PRATA, 219**

Telef. 2 8678

**POLICLINICA DA RUA DO OURO**

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º—Telefone 26195

DR. ARMANDO NARCISO—Medicina, Coração

e pulmões—5 h.

DR. BERNARDO VILAR—Cirurgia geral, operações—5 h.

DR. MIGUEL DE MACALHAES—Rins e vias

urinárias—10 h.

DR. CORREIA DE FIGUEIREDO—Pele e sífilis—5 h.

DR. LOFF—Doenças nervosas, electroterapia

2 h.

DR. MARIO DE MATOS—Doenças dos olhos

2 h.

DR. MENDES BELLO—Estomago, fígado e intestinos—3 h.

DR. FILIPE MANSO—Doenças das crianças—2 h.

DR. CASIMIRO AFONSO—Doenças das senhoras operações—2 h.

DR. FRANCISCO CALHEIROS—Garganta, nariz e ouvidos—4 h.

DR. ARMANDO LIMA—30ca e dentes, protese—12 h.

**ANALISES CLINICAS**

DR. ALAN SÁLDANHA—Rolo X—4 h.

**Someres grandest**

só o PINA as vende

**75 — Rua do S. Paulo — 77****Concurso PATRIA****15.º SORTEIO MENSAL (lotaria de 3 de Rez.)**

Os brindes deste sorteio, á escolha dos concorrentes (conforme relações já publicadas) pertencem:

**QUATRO 1.ºs PREMIOS** ao N.º 889, Séries N.ºs 43-44-45-46  
**QUATRO 2.ºs PREMIOS** ao N.º 4975, Séries N.ºs 43-44-45-46  
**QUATRO 3.ºs PREMIOS** ao N.º 7348, Séries N.ºs 43-44-45-46

alem dos 5.436 brindes constantes da lista  
 de premios da Misericordia de Lisboa

**Segundo sorteio semestral**

a realizar pela

**Lotaria do Natal**

- 1.º PREMIO — Um magnifico automovel "CITROEN"  
 2.º PREMIO — Uma esplendida motocicleta "EXCELSIOR"  
 3.º PREMIO — Uma optima bicicleta "ELGIN"

Podem obter senhas, para este sorteio até 23 do corrente, os concorrentes que entreguem, em Lisboa, Rua de S. Julião, 139, e no Porto, Rua Passos Manuel, junto ao Teatro Rivoli, 100 tampas de caixas de fósforos.

**PATRIA — SEVERA — AGUIA — DOMESTICOS — MONDEGO**  
 ou uma senha mensal não premiada

O sorteio publico das séries deve realizar-se no dia 29 do corrente, na sala das extracções da Misericordia de Lisboa.

**Proximo sorteio em 7 de Janeiro****Empresa Insulana de Navegação**

O paquete

**LIMA**

Para a Madeira, St.ª Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (St.ª Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Fayal, sai no dia 8 de Dezembro ás 12 horas.

Trata-se com os agentes

**Germano Serrão Arnaud**

Avenida 24 de Julho, 2, 2.º

Telefone 12214

**C. C. de Ferro do Norte de Portugal****HORARIO DOS COMBOIOS**

2.º Aditamento ao Cartaz-Horario F. A. n.º 1º em vigor

A partir de 26 de Novembro de 1932, o comboio n.º 55 passa a ter paragem de 1/2 minuto nas estações de Pedras Rubras e Vilar do Pinheiro para serviço de passageiros, respectivamente ás 17,52 e 17,56.

A contar de 4 de Dezembro de 1932 é suprimido o comboio n.º 44 que se efectua aos domingos entre Povoa de Varzim e Porto-Boavista.

Porto, 25 de Novembro de 1932.

O Engenheiro Director da Exploração

A. A. de Vasconcelos Porto

**GUARANA**

Telef. N. 5077—LISBOA

**OFICINA ESTOFOS RECOMENDADOS**Visite V. Ex.<sup>a</sup> a nossa exposição de estofos. A CASA QUE MAIS SE RECOMENDAPedir orçamentos **ANIBAL GONÇALVES**

T. de S. Tomé, 9 — LISBOA

Telefone 2 140

**Companhia Geral de Credito Predial Portuguez**

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada — CAPITAL ESC. 29.000.000\$00

Delegação no Porto  
Praça Almeida Garrett, 35Sede em Lisboa  
Rua Augusta, 235Agencia em Coimbra  
R. Visconde da Luz, 100, 1.º**Subscrição de 100.000 Obrigações de 6 0/0 do valor nominal de Esc. 90\$00**

Emissão autorizada pela Portaria n.º 7448 de 20 de Outubro de 1932

**2.ª SÉRIE-1932 — TITULOS HIPOTECARIOS**

E' aberta ao publico nos proximos dias 5 a 7 de Dezembro de 1932, na Sede da Companhia Delegação no Porto e Agencia em Coimbra, a subscrição destas Obrigações ao preço de Esc. 73\$50.

Os Titulos são todos de coupon, vencem o juro anual de 6 0/0 pago aos trimestres em 1 de Fevereiro, 1 de Maio, 1 de Agosto e 1 de Novembro e são amortizados pelo seu valor nominal, por sorteios semestrais taxativos, no prazo maximo de 60 anos e serão recebidos pela Companhia, em qualquer epoca, até o fim do ano de 1934 a Esc. 73\$50 e, de 2 de Janeiro de 1935 em diante, a Esc. 75\$00, em pagamento do capital em divida dos seu empréstimos hipotecarios.

**O preço da subscrição é:**

No acto da subscrição..... Esc. 13\$50  
 Em 1 de Fevereiro de 1933..... 60\$00 73\$50

Os srs. subscribers que quizerem liberar terão o desconto de 6 0/0 ao ano.  
 A prestação complementar que não fôr paga na data fixada, fica sujeita ao juro de 7 0/0 ao ano, contado dia a dia. A falta deste pagamento dá á Companhia o direito, dois meses depois do vencimento, de declarar a nulidade da cautela e de vender em hasta publica as Obrigações subscritas, com anuncio previo mas sem formalidade judicial. O produto da venda, liquido do que fôr devido á Companhia, e de todas as despesas accessórias, será posto á disposição do subscritor retardatário.

As subscrições liberadas até 1 de Fevereiro dão direito ao juro do trimestre que se vence nesse mesmo dia. A subscrição é sujeita a rateio.

Os srs. Accionistas e Obrigacionistas tem preferencia na subscrição.

Lisboa, 25 de Novembro de 1932. — O Governador, Ricardo O'Neill.

**Companhia Nacional de Caminhos de Ferro**

Faz-se publico que, no dia 13 do corrente, pelas 14 horas e 30 minutos, se procederá, na sede da Companhia, Avenida da Liberdade, 18, 3.º, ao sorteio de obrigações da 2.ª série, Mirandela-Bragança, e das obrigações de 9 0/0 emitidas por virtude da portaria n.º 5356, de 14 de Agosto de 1928.

Lisboa, 3 de Dezembro de 1932.

O administrador-delegado, Pedro Joyce Dias.

**Portugal não é iberico**

Assim o prova **FRAN FAXECO**, documentando as profundas razões geograficas, étnicas, linguisticas, economicas, psicologicas, literarias, historicas e politicas do facto. Obra de flagrante oportunidade, unica no seu genero, que multissimamente interessa aos portugueses e aos espanhóis. A venda em todas as livrarias. Depósito — **Livraria Rodrigues**, rua do Ouro, 180.

**DR. MIGUEL DE MAGALHÃES**

Monitor da clínica de Necker — Paris

 RINS e vias urinárias—Venereologia  
e sífilis.—T. N. de S. Domingos, 9, 1.  
às 15 horas—Telefone 5205 N.

# ESTRANGEIRO

**SUM**

 É o limpa  
metais  
que vence

## A America vai aliviar

o peso das dividas de guerra?

WASHINGTON, 5.—Consta de fonte autorizada que o poder executivo está resolvido a dirigir uma mensagem ao Congresso para aliviar o peso das dividas de guerra, pelo menos a favor da Grã-Bretanha. Além disso, dá-se a entender que, por intermédio de Mellon, Hoover procura conhecer a opinião do governo britânico, com respeito a um processo qualquer de pagamento que evite uma forte perturbação no mercado de cambios. Uma das propostas discutidas na conferência que se realizou ontem à noite na Casa Branca foi o pagamento em notas de Banco que permita prolongar o prazo.—(Havas)

LONDRES, 5.—O «News Chronicle» diz que em Washington corre o boato de que Hearst sucederá a Mellon na embaixada dos Estados Unidos em Londres.—(Havas)

## Greve de ferroviários na Irlanda

contra a redução de salários

DUBLIN, 5.—Os ferroviários resolveram declarar-se em greve a partir do próximo domingo, em sinal de protesto contra as anunciadas reduções de salários.—(Havas)

BRISTOL, 5.—Os membros da União Nacional dos ferroviários resolveram por unanimidade apoiar todas as providencias do conselho executivo da sua associação sindical para se opor a qualquer redução de salários. O conselho executivo das «Trade Unions» está resolvido a combater energicamente quaisquer reduções de salários pedidas pelas companhias.—(Havas)

## O projectado "raid" de Mermoz

LE BOURGET, 5.—Mermoz e a sua tripulação contavam partir ontem à noite. Desde a meia noite que o avião estava pronto para levantar voo, mas fazia um nevoeiro persistente. Às 3 e 30, o piloto de pleno acordo com o construtor, deu ordem para retirarem o avião do «hangar» e pouco depois os motores eram postos a trabalhar. Quando chegou a inspecção, Mermoz declarou que era absolutamente impossível descolar, porque o nevoeiro se tornava cada vez mais intenso.

Com grande pesar seu, teve de adiar mais uma vez a partida.—(Havas)

## A Ordem do Tosão de Ouro

VIENA, 5.—A United Press foi informada de que o ramo austriaco da Ordem do Tosão de Ouro, numa sessão secreta realizada em Viena, elegeu o arquiduque Otto grão mestre da referida Ordem. Esta eleição dissolve automaticamente a Junta Directiva daquela Ordem, que funcionava com poderes executivos desde a morte do Imperador Carlos, pai de Otto.—(United Press).

## O governo argentino

defende as garantias constitucionais

BUENOS AIRES, 5.—Os delegados do Procurador da Republica receberam ordem para proceder imediatamente contra os investigadores publicos á desordem e á violencia contra a autoridade. O governo vai tomar providencias no sentido de tornar mais eficaz a defesa da ordem publica e das garantias constitucionais.—(Americana)

## As eleições na Belgica

BRUXELAS, 5.—Os liberais perderam por grande maioria as eleições que ontem se realizaram na provincia. A victoria coube em primeiro lugar aos socialistas e em segundo lugar aos catholicos.—(United Press).

Em todas as  
**Resfriamentos**

reumatismo, gota, ciática, dores de cabeça, nevralgias, os comprimidos Togal, são de efeito rápido e seguro. O Togal elimina o acido urico e mata os microbios. Peça o nosso folheto elucidativo. Togal, Rua Aures, 124, 1.ª — Lisboa.

# O canal dos lagos do Norte

construido por prisioneiros russos

MOSCOVO, 5.—Novembro—Como consequencia do trabalho feito exclusivamente por prisioneiros, avizinha-se a terminação no extremo norte da Rússia duma nova via de navegação. A imprensa oficial dos Soviets mostra-se particularmente orgulhosa não só dessa nova obra, senão também do facto de ter ela sido levada a cabo por prisioneiros.

Um ano já passou depois que correram boatos de que 20.000 ou 30.000 prisioneiros ou deportados politicos trabalhavam, nas mais duras circunstancias materiais, em construir o chamado Canal dos Lagos do Norte.

Nem uma palavra sobre isso appareceu então ou depois nos jornais nem nas publicações officiais.

E de repente os diarios de Moscovo não sómente admitem que se esteja trabalhando na construção do tal Canal, senão também realçam o projecto como uma empreza titanica dos Soviets, que lograram dum só golpe vencer as dificuldades naturais do solo e tornar os criminosos em membros uteis para a sociedade.

Neste sentido se expressou a «Prawda», de Moscovo, órgão official do partido comunista.

Segundo as noticias publicadas pela imprensa, parece que se começaram as obras de construção do canal, hoje prestes a terminarem, em dezembro de 1931, o que constitui um «record», de rapidez em trabalhos de tal genero e sob um clima tão duro. O canal tem um comprimento total de 226 kilometros e começa perto de Soroka, no Mar Branco, e termina na cidade de Povenze, no Lago de Onega. Tal via navegavel torna a comunicação mais rapida entre o Mar Branco e o Golfo da Finlândia, havendo já uma via navegavel, parte natural, outra parte artificial, que do Lago de Onega conduz ao Neva e a Leingrado.

Algumas cifras que a seguir reproduzimos bastam para dar uma ideia da empreza gigantesca realizada pelos prisioneiros. Assim, removeram-se, 6,7 milhões de metros cubicos de terra; 4,8 milhões amontoados para a formação de diques; 334.000 metros cubicos de cimento foram empregados na construção dos diques; 1,8 milhões de metros cubicos de rocha tiveram que ser arrancados ás entranhas da terra, a dinamite. O que na realidade se construiu

não é um canal, senão uma série de diques e comportas, com o qual se conseguiu elevar o nivel de varios lagos e das correntes de agua entre uns e outros. O maior de tais diques tem uma extensão de 3,5 kilometros e para a sua construção empregaram-se 500.000 metros cubicos de terra e cimento.

A nova via navegavel converte em realidade um sonho secular da provincia russa do norte. Sempre que houve uma via navegavel foi ella utilizada, ha já seculos, pelos comerciantes de Novgorod, para fazer levar mercadorias desde o Mar Glacial Artico até o interior do país.

Nos trajectos não navegaveis tiravam os barcos da agua e transportavam-nos através da terra firme até encontrarem um novo trecho navegavel.

Pedro, o Grande, fez construir uma via no ano de 1702, entre o Lago de Onega e o Mar Branco; porém, não tendo sido utilizada senão uma vez, para fins militares, abandonou-se até o ponto de não se poder encontrar vestigios dela. Em 1858, as autoridades de Arcangel propuzeram a construção de uma via de comunicação por agua. Porém, a obra não se começou até fins de 1931 sem que tivesse sido acompanhada nas suas diversas fases pela costumeira propaganda sovietica. Os trabalhos decorrem sob a immediata vigilancia da G. P. U. — politica — e, exceptuando alguns postos directivos, a direcção dos trabalhos está confiada também aos prisioneiros.

As informações de imprensa dão a impressão de que todos os prisioneiros que trabalham na obra foram condenados por delitos comuns; sabe-se porém que uma grande parte deles são prisioneiros condenados ao exilio pela sua actividade anti-revolucionaria. Especialmente os numerosos engenheiros e outros especialistas occupados nos trabalhos são, em grande parte, gente condenada por delitos de sabotagem e outros semelhantes.

A imprensa russa insiste muito no bom tratamento dispensado aos prisioneiros. Todos os novos metodos de trabalho colectivo comunista — brigadas de assalto, concursos socialistas — applicam-se nos campos de prisioneiros.

Pela sua applicação e esforço os prisioneiros poderão obter certas vantagens, entre as quais estão a redução das penas e até a sua abolição total.

Em 70 0/0 dos fiscaes ha igual numero de prisioneiros.—(United Press).

## Tumultos no Rio de Janeiro

á partida do dr. Artur Bernardes

RIO DE JANEIRO, 5.—Por ocasião do embarque para a Europa do sr. dr. Artur Bernardes, antigo presidente da Republica, que segue deportado a bordo do «Asturias», registaram-se no cais tumultos e violentas colisões entre os partidarios do dr. Getulio Vargas e os amigos do ex-presidente Bernardes.

Varios grupos de elementos fieis á Ditadura atacaram de choive as pessoas que tinham accorrido ao cais para se despedir do dr. Bernardes, disparando-se mais de cinquenta tiros de que resultou haver numerosos feridos, entre eles o dr. Artur Bernardes, filho, e o sr. Cirro Chabaz. Os agressores puzeram-se em fuga.—(United Press).

## O incidente de Leticia

Concentração de tropas peruanas

NOVA YORK, 5.—A' cidade peruana de Iquitos têm chegado tropas de varias armas, incluindo de aviação. Dali saíram para Leticia mais uns quinhentos soldados. Tudo indica que o conflito entre o Peru e a Columbia continua numa fase aguda.

Os jornais de Lima dizem que sem a canhoneira «Dato», cuja venda a Espanha adiou, a Columbia não vê as suas forças navais do Amazonas suficientemente fortes para tentar um golpe. «Entretanto, escreve «El Comercio», o tempo passa e o Peru logrará que os povos da America se compenstrem bem do problema pendente e considerem que sobre os pactos escritos estão a justiça internacional e o direito dos povos».—(Americana)

## Os infractores da lei-seca

NOVA YORK, 5.—De 30 de julho a 31 de novembro as multas impostas aos transgressores da «lei seca» pelos tribunais e pelos diferentes Estados ascendem a cerca de 3 milhões de dolares. No mesmo periodo, foram apreendidos 4.673 automoveis contrabandistas e alguns barcos, que conduziam um milhão de litros de cerveja e 500 mil litros de alcool. Das 17.402 pessoas levadas a juizo, foram condenadas 16.586.

Este mês, com as festas do Natal, o numero de infractores deve ser muito maior do que nos ultimos três meses. Sabe-se que os navios da frota de contrabando continuam a chegar carregados de bebidas.

Alguns têm sido apreendidos.—(Americana)

## A campanha do trigo na Italia

ROMA, 5.—Terminou ontem uma fase da campanha do trigo com a distribuição dos premios, a que assistiu Mussolini, aclamado por uma grande multidão. O Duce falou ao povo, dizendo que a colheita do trigo este ano passará á historia como sendo a do decenio fascista. Acrescentou que «ela se deve sobretudo á coragem, tenacidade e fé fascista dos agricultores italianos. A todos, homens e mulheres, dirigia as mais calorosas saudações. Todos devem ter e têm o reconhecimento do povo italiano».—(Havas)

## O pacto de não agressão

entre os países sul-americanos

BUENOS AIRES, 5.—Algumas republicas sul-americanas já deram a sua adesão ao pacto contra a guerra proposto pela Argentina. O principio fundamental é a condenação da luta armada, á qual nunca deverão recorrer ás nações signatarias. Para execução immediata, estabelece-se que todas as questões pendentes deverão ser resolvidas de acordo com as regras do direito internacional.—(Americana)

## Estalou uma revolução no Peru?

SANTIAGO DO CHILE, 5.—Noticias sem confirmação chegadas a esta capital dizem que estalou uma revolução no Peru.—(United Press).

## A cotação da libra

LONDRES, 5.—A cotação da libra sobre o dolar abriu hoje na Bolsa desta cidade a 3,17 1/2.—(United Press).

Cintas medicinais

**POMPADOUR**  
Magníficos modelos  
para combater a  
obesidade e trata-  
mento das doenças  
do abdomen

Recebam-se catalogos gratis

**A POMPADOUR**  
28 - CHIADO - 30

CONDES

UM VALENTE!...

(SON HOMME)

## ULTIMAS NOTICIAS

HOTEL MIRAMAR

MONTE ESORIL

Hotel Costa. — CINTRA

NA BOA HORA

O MOMENTO POLITICO ESPANHOL

O CASO DA "MUNDIAL"

## FOI JULGADO HOJE

## O caso da rescisão do contrato

## FICOU CONCLUIDO

o assassino

com a Companhia Telefonica

o processo relativo

## do "Marujinho da Bica"

## provoca dissabores ao governo

## ao sr. Eduardo Placido

Se o «Marujinho da Bica», aquele famigerado individuo que na noite de Santo Antonio foi assassinado numa taberna da travessa do Cabral, pudesse, lá na mansão da morte onde repousa, ouvir o que foi hoje, na Boa Hora, o julgamento do homem que o matou, só não morreria outra vez se não tivesse vergonha nenhuma.

De vinte e tantas testemunhas que se apresentaram no tribunal para lhe fazer o «elogio funebre», nenhuma, por mais de acusação que fosse, deixou de lhe ilustrar a biografia necrológica com elementos que só podem aproveitar para fidelidade ao retrato de um bandido.

Nunca vimos em tribunais ou fora deles tamanha uniformidade no desancar de alguém.

Bem procuraram o delegado do Ministerio Publico, sr. dr. Cardoso de Figueiredo, e os juizes srs. drs. Pamplona, Pedro de Albuquerque e Magalhães Coutinho, arrancar ás testemunhas qualquer afirmação que fosse, ao menos, aquele dó com que habitualmente se evoca a memoria dos defuntos. Não houve meio. Quando os interrogatorios iam conduzir a uma declaração que compromettesse o reu, barricavam-se os depoentes no «nada mais vi» das ocasiões bicudas, e o mais que se conseguia deles era uma nova saraivada de ruins informes sobre o indesejavel «Marujinho».

Brigão, gatuno, faquista, matador, tudo quanto pode carregar de negro a lista negra de um cadastro.

O escrivão sr. Abilio Magro, com a autoridade que lhe dá o seu nome e a sua situação de organizador das fichas judiciais, garantiu que o morto não fez falta nenhuma á sociedade e que enquanto manteve relações com a Policia era do pior que tem aparecido na roda toda da cidade.

Os outros navegaram todos nas mesmas aguas. A tal ponto, que o delegado do Ministerio Publico se convenceu de que as testemunhas tinham feito algum «pacto de não agressão» contra o reu, pela unanimidade de vistas com que malhavam no morto.

No fim daquilo tudo, quando o sr. dr. Ramada Curto, encarregado da defesa, entrou em cena para dizer da sua justiça, calculem os senhores o que aqui foi.

O brilhantissimo juriconsulto, que foi grande como sempre, produziu um discurso que pode classificar-se de notavel a todos os respeito.

O Senhor nos perdoe, mas quasi diríamos que valeu a pena matar o «Marujinho» para se nos deparar enojo de ouvir uma peça de oratoria forense daquele tomo e daquela vibração.

Quando ele, a rematar, exclamou: —Eu penso assim! V. ex.<sup>ta</sup> resolverão como entenderem!

...o auditorio quasi teve a impressão de que o reu ia ser condenado a deixar-se condecorar com a medalha de bons serviços.

Até á hora de fecharmos o nosso jornal ainda os juizes não haviam ditado a sentença.

## A peste na Argentina

BUENOS AIRES, 5.—Comunicam de Salta que melhorou o estado sanitario. Os «anchos» onde se deram casos de peste bubónica foram queimados. Em Urundel, onde houve mortes, já não se notam vestígios do mal.—(Americana)

(Do nosso correspondente particular)

MADRID, dezembro.—A actualidade politica espanhola tem agora aspectos internacionais. Saiu do ambito nacional, para se enquadrar no capitulo vasto do universalismo capitalista.

O mundo vive um periodo paradoxal, em que tudo é interdependente. Assim, o capital, que costuma levantar a cumes inacessíveis para os simples mortais a flamula estonteante do nacionalismo patriótico, obedece tambem a uma internacional.

E agora, neste caso da Telefonica, vemos unidos em indissolúvel matrimonio a peseta e o dolar, simbolo de duas finanças, que a distancia separa por uma fronteira imensa, mas que o interesse reúne, vencendo o espaço.

Em tempos de Primo de Rivera, quando a legalidade gozava dumas férias bastante longas e um tanto forçadas, firmou-se o contrato da exploração telefonica em todo o país.

Os republicanos acioaram esse contrato de immoral, ilegal e ruinoso, com a veemencia que a opposição empresta e o sentido de justiça inspira.

Prometeram anulá-lo quando um dia chegassem ao poder, libertando o país da tiranica exploração duma companhia estrangeira e espoliadora.

Os financeiros americanos, que são cautelosos, tomaram boa nota das advertencias republicanas e foram dispondo umas quantas clausulas contratuais impecavelmente juridicas e solidamente assentes.

E, por causa das duvidas, muniram-se dos pareceres juridicos, habituais nestes delicados assuntos, pagos generosamente aos advogados talentosos, desde Melquiades Alvarez ao socialista Bugeda.

Fortes com estes para-raios para o futuro, dedicaram-se tranquilamente a montar, com admiravel tecnica, os serviços telefonicos, e, com a mesma habilidade, a explorar o publico.

Veio a Republica e o mais formidavel inimigo da Telefonica, sr. Indalecio Prieto, foi a ministro. Como a situação de governante traz consigo certas responsabilidades e um sem numero de problemas novos a resolver—

**Afundou-se um destroyer japonês e desapareceram 50 tripulantes**

TOQUIO, 5.—Em consequencia duma violenta tempestade na costa de Osaka foi a pique o «destroyer» japonês «Sakuragi», de 900 toneladas.

A catástrofe deu-se ás duas horas da tarde de hoje. Outros «destroyers» recolheram 14 tripulantes do navio afundado, tendo desaparecido 50 cuja sorte se ignora. Diversas embarcações procuram os naufragos.—(United Press)

## O conflito do Chaco

BUENOS AIRES, 5.—Como se previa, começa a lutar-se no sector da Baía Negra, no Chaco, ao norte do Paraguay. A investida contra o forte de Florida, pelos paraguaios, tem como objectivo arrebatar uma posição de que os bolivianos se poderiam servir nas operações subsequentes. Os bolivianos concentram ali tropas, ha algum tempo.—(Americana)

LA PAZ, 5.—Anunciam oficialmente que os paraguaios abandonaram as suas posições para 7 quilómetros ao sul do forte de Saavedra, em virtude da impossibilidade que experimentaram de romper as linhas bolivianas.—(United Press)

ver—não é que o poder torne amnesicos os que o disfrutam—o caso da Telefonica foi esquecendo.

Os empregados da empresa é certo que foram para a greve, mas como tinham pronunciado tendencia sindicalista, a resolução do conflito coube aos guardas de assalto. Tudo voltou á normalidade.

Mas um dia o sr. Botella Asensi, que é uma especie de desmancha-prazeres, com o seu mau sestro de não esquecer as suas promessas dos velhos tempos, em que deambulava por «la Carcel», dirigiu uma interperlação ao governo. Depois de adiamentos sucessivos, conseguiu finalmente que o assunto fosse debatido. Para cumulo da sua indiscreção, recordou ao sr. Prieto um famoso discurso que pronunciara no Ateneu.

O ministro das Obras Publicas, que não gosta que o acusem de falta de memoria, zangou-se e gritou que ratificava inteiramente a sua palestra atenista. Ora parece que nessa altura o chefe socialista era um adversario resolutivo do imperialismo e do capitalismo. Obedecendo a esse impulso, classificou duramente os ditadores, a Standart e até o proprio embaixador americano. De maneira que a Telefonica, cuja capital é americano, numa percentagem de 75 por cento, aproveitou a deixa e queixou-se ao sr. Hoover. O governo dos Estados Unidos apressou-se a tomar posições e a enviar a concomitante nota diplomatica ao seu colega de Espanha. Sobre o conteúdo deste documento é impossível fornecer elementos, dado o impeneçavel segredo que guardam os circulos officiais. A unica coisa que se pode afirmar é que a Companhia de-seja rescindir este contrato leonino, tão leonino que o governo espanhol teria de lhe pagar uma indemnização de 700 milhões de pesetas, 15 por cento das quais em ouro. Afirma-se que o sr. Azaña se propõe tomar a iniciativa de rescindir o contrato, sujeitando-se ao «verdictum» dos tribunais. De todas as maneiras, parece que o mais natural teria sido anular esse contrato ilegal no periodo revolucionario, dado o vicio de legitimidade de que enfermava.

## O problema das dividas e a reabertura do Congresso americano

LONDRES, 5.—O Congresso dos Estados Unidos reúne-se hoje, mas até agora ignora-se a acção que Hoover lhe recomendará com respeito ás notas sobre as dividas de guerra que nos ultimos dias recebeu de varios governos europeus. O assunto será discutido em condições politicas um tanto ambiguas, pois nestes três meses a politica americana será dirigida pelo presidente, que sofreu uma derrota eleitoral e pelo Parlamento, cujas Camaras serão controladas respectivamente pelos partidos da opposição e em que 15 de 96 senadores e 150 de 435 deputados tambem foram derrotados.—(Havas)

## Os japoneses na Mandchuria

TSIKAI, 5.—As tropas japonesas prosseguem no seu avanço para o norte da Mandchuria, em perseguição das tropas chinesas comandadas pelo general Su-Ping-Ven. Julga-se que ao meio dia de hoje as tropas japonesas tenham já ultrapassado a cidade de Kailar.—(United Press)

Já está concluido o processo organizado pela Policia de Investigação Criminal contra o sr. Eduardo Placido, que se encontra sob prisão num quarto particular do Hospital do Deserto. O sr. Eduardo Placido é acusado de ter causado á Companhia de Seguros a Mundial prejuizos de cerca de 4.000 contos.

O agente Paulitos esteve hoje a ouvir os dois directores tecnicos da «Mundial», de nacionalidade alemã, os srs. Gisleberger e Peters, encarregados respectivamente dos ramos de incendios e transportes.

Declararam que consideravam absurda a afirmação feita pelo sr. Eduardo Placido sobre um contrato verbal existente entre ele e o director da Munichener já falecido, o sr. Suss.

O sr. dr. Costa Reis mandou esta manhã buscar o preso ao hospital do Deserto, a fim de ele ser identificado no Posto Antropometrico, para depois seguir para a Boa Hora acompanhando o processo que lhe diz respeito.

Aos agentes encarregados desse serviço foi entregue, porém, um atestado passado pelo sr. dr. Melo Breynier, em que este clinico declara que o doente não podia sair do hospital sem que a sua vida perigasse.

Em virtude disso o sr. dr. Costa Reis, adjunto da P. I. C., mandou submeter o preso a uma junta medica, motivo por que o processo só amanhã será enviado ao tribunal com outro organizado em junho e relativo a uma queixa do presidente do Conselho Fiscal da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal.

## A situação financeira dos Estados Unidos

exposta pelo ministro da Fazenda

WASHINGTON, 5.—O ministro da Fazenda, Owen Mills, apresentou ao Congresso o seu parecer sobre a situação do Tesouro norte-americano, recomendando uma politica de economias nas despesas de todos os ministerios, pedindo que seja criado um imposto de 2 3/4 0/0 sobre todos os artigos manufacturados, que espera dará uma receita anual de 755 milhões de dolares, e recomendando a supressão dos impostos sobre artigos de luxo e sobre entradas nos teatros, por inconvenientes e por não produzirem receitas que os justifiquem.

Owen Mills declarou que o orçamento apresenta um «déficit» de 307 milhões de dolares, acrescentando que a crise economica mundial atingiu o seu máximo, no momento em que a Inglaterra abandonou o padrão-ouro. E terminou dizendo que os Estados Unidos não devem gastar mais do que podem.—(United Press)

## A emigração para os Estados Unidos

WASHINGTON, 5.—O relatório anual do secretario do trabalho recomenda uma maior restrição das leis da imigração, de modo a limitar-se a entrada apenas aos estrangeiros que sejam de facto necessarios para misteres especiais. O relatório sugere igualmente que umas das condições de naturalização seja o conhecimento da lingua inglesa.—(Havas)

Ouçam os sensacionais modelos 1933

Clarion Radio